



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ANÁLISE REGIONAL E ENSINO DE
GEOGRAFIA

VALÉRIA DA SILVA SOUSA

**O ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA A PARTIR DO LUGAR NA
EJA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE-PB**

Campina Grande- PB
2017

VALÉRIA DA SILVA SOUSA

**O ENSINO APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA A PARTIR DO LUGAR NA
EJA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso modalidade Monografia, apresentado à Coordenação de TCC como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Geografia pelo Programa de Pós-graduação da Unidade Acadêmica de Geografia (UFCG)-Campus Campina Grande.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio Cunha Farias

Campina Grande- PB
2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S725e Sousa, Valéria da Silva.
O ensino aprendizagem de Geografia a partir do lugar na EJA da Rede Pública Estadual de Campina Grande - PB / Valéria da Silva Sousa. – Campina Grande, 2018.
57 f. : il. color.

Monografia (Especialização em Análise Regional e Ensino de Geografia)
– Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação : Prof. Dr. Paulo Sérgio Cunha Farias".
Referências.

1. Geografia - Ensino. 2. Geografia Escolar. 3. EJA - Lugar. 4. Currículo.
5. Rede Estadual de Campina Grande - PB. I. Farias, Paulo Sérgio Cunha. II. Título.

CDU 911:37.016(813.3)(043)

**O ENSINO APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA A PARTIR DO LUGAR NA
EJA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE-PB**

VALÉRIA DA SILVA SOUSA

Data da Defesa: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Sérgio Cunha Farias
(Orientador - UAE/UFCG)

Prof. Dr. Sérgio Luiz Malta de Azevedo
(Examinador - UAG/UFCG)

Prof. Dr. Santiago Andrade Vasconcelos
(Examinador – UAG- CFP/UFCG- campus Cajazeiras)

AGRADECIMENTOS

Irei aqui destacar não só quem contribui para realização deste trabalho, pois ele representa a conclusão do curso de Especialização em Geografia que iniciei em 2016. O que me faz sentir intimada a agradecer a todas e todos que me ajudaram nessa caminhada de mais de um ano. Primeiramente, muitas pessoas contribuíram direta ou indiretamente ao longo desse período, não sendo possível no momento fazer menção a todos irei citar os que mais me marcaram.

Agradeço a meus pais, Guiomar Diniz da Silva Sousa e Valdeci Moreno de Sousa, que, em meio a todas as dificuldades que passaram, sempre me incentivaram e fizeram o que estava ao seu alcance para garantir meus estudos e dos meus irmãos. A meus irmãos Valdênia, Valdinete e Valdery pelo apoio e alegrias que já me proporcionaram.

A todos os professores e funcionários da Unidade Acadêmica de Geografia, e Unidade Acadêmica de Educação que, disponibilizam seu tempo para o Curso de Especialização em Análise Regional e Ensino de Geografia. Ao professor Paulo Sérgio Cunha Farias, por ter me aceitado como orientanda, ter encarado o desafio de orientar uma atarefada professora da educação básica, que diversas vezes cogitou desistir do curso. Agradeço por ter acreditado em mim, por todas as suas orientações, ensinamentos e paciência ao longo desse tempo que estivemos juntos. Sem a suas contribuições à realização deste trabalho não teria sido possível.

A todos os amigos e colegas de turma, as novas amizades que conquistei sem elas o curso não teria sido gratificante. Em especial agradeço aos novos amigos conquistados Emídio Araújo, Ana Maria e Jadson Maciel, que se tornaram pessoas com os quais posso contar para encarar diversas situações da vida. Agradeço a vocês pelo companheirismo, solidariedade, apoio, amizade por me darem à honra de ter como amigos pessoas tão humanas com as quais compartilhei muitas das inúmeras alegrias vividas durante a realização desse curso.

Agradeço a todos os profissionais da escola e a todos os alunos que participaram desta pesquisa. Se não fosse a disponibilidade dos sujeitos mencionados este estudo não teria sido realizado, a todos vocês meu muito obrigado.

Agradeço também ao meu companheiro e namorado Joalysson Oriente pelo apoio, compreensão, incentivo e companheirismo durante todo o período de realização do curso. Sua ajuda foi indispensável para conclusão deste trabalho e da especialização.

Por fim, agradeço aos professores da banca examinadora, professores Sérgio Luiz Malta de Azevedo e Santiago Andrade Vasconcelos, pela disponibilidade em contribuir para este trabalho através de suas avaliações. Muito obrigada a todos!

“Amar é um ato de coragem. Amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade.”

(Paulo Freire)

RESUMO

A Geografia passou nas últimas décadas por uma renovação que lhe conferiu um caráter social, o que lhe trouxe novas reflexões sobre a relação sociedade-natureza. Os reflexos desta nova cara que essa ciência adquiriu são observados tanto no meio acadêmico como na sociedade de maneira geral e nas escolas. Os estudos sobre o conceito de lugar no ensino dessa disciplina destacam a importância de realizarmos uma aproximação entre o que é ensinado e a realidade dos educandos, objetivando contribuir de maneira mais concreta para a formação cidadã do sujeito, possibilitando a este uma compreensão complexa e crítica de sua realidade. Partindo dessas premissas, este trabalho tem por objetivo verificar como o ensino-aprendizagem de Geografia da Rede Pública de ensino de Campina Grande aborda o lugar na EJA. Essa modalidade de ensino é destinada às pessoas que não puderam ter acesso ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio em idade própria ou não tiveram a possibilidade de continuar os seus estudos. Para execução da pesquisa foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento de referências acerca do tema; realização de entrevista com professor de Geografia da EJA do Ensino Fundamental II e aplicação de questionários com alunos da EJA na mesma escola. Entre as abordagens de lugar utilizadas pela Geografia algumas ganham destaque no espaço escolar, entre elas a fenomenológica. Esta não permite a compreensão total do lugar em toda sua complexidade, sendo necessário, para tanto, a utilização da abordagem realizada pela Geografia Crítica. Muitas dificuldades são evidenciadas para se trabalhar com o conceito de lugar no ensino da EJA. Isso está relacionado ao engessamento do currículo. Portanto, destacamos a importância da construção de um currículo flexível que permita ao professor a utilização de abordagens mais críticas e não restrinja o estudo do lugar, apenas a etapa inicial do Ensino Fundamental.

Palavras-chaves: Geografia Escolar; Ensino; Lugar; EJA; Currículo.

ABSTRACT

Geography has passed its last decades through a renovation that gave to it a social profile, and it brought new thoughts about the relation nature-society. The reflexions on this new profile this science got, are studied as well in the academics as in general society and in the schools. The studys about the concept of place on this discipline in education, shows the matter for performing an approach between what is been taught and the reality of the students, in order to contribute more specific to the citizen making of the subject, making available to this one, a more complex and critic comprehension of his reality. From these premises, this paper has for object verifying how the teaching-learning of Geography in Public Schools of Campina Grande has its place in EJA. This genre of teaching is intended for people that didn't have access to elementary school and high school in proper age or couldn't continue their studies. To make the search there was made the following methodology steps: survey of references about the matter; interview performance with a Geography teacher from EJA in Elementary School II and application of questionnaires for students from EJA in the same school. Among the places approaches used by Geography, some are featured in scholar space, one of them, the phenomenological one. This one doesn't allow the total comprehension of the place in all its complexity, being necessary, therefore, the utilization of the approach applied by Critic Geography. Many difficulties are evidenced for working with place concept on the teaching in EJA. This is related to the plastering of the curriculum. Therefore, we highlight the importance for making a flexible curriculum that allows the teacher to use more critical approaches and that doesn't narrow the study of the place, just the first stage of Elementary School.

Keywords: Scholar Geography; Teaching; Place; EJA; Curriculum.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPA 01: Mapa de localização da cidade Campina Grande.....	34
FIGURA 01: Localização da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Itan Pereira.....	36

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01- Currículo de Geografia da Escola Itan Pereira para os anos iniciais do ensino fundamental II na EJA.....	39
QUADRO 02- Currículo de Geografia da Escola Itan Pereira para os anos finais do ensino fundamental II na EJA.....	39
QUADRO 03- Dados gerais sobre o professor.....	41
QUADRO 04- Entrevista realizada com o professor.....	42
QUADRO 05- Discurso do sujeito coletivo dos alunos da EJA do 9 ano do ensino fundamental.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS

DSC – Discurso do Sujeito Coletivo

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PPP – Projeto Político Pedagógico

UFCG – Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1	
Os conceitos de lugar na Geografia.....	17
1.1 Geografia Humanista e lugar.....	17
1.2 Geografia Crítica e lugar.....	20
CAPÍTULO 2	
Ensino de Geografia e Lugar.....	24
2.1 A Geografia escolar no Brasil.....	24
2.2 Desafios a Geografia escolar.....	27
2.3 O ensino de Jovens e Adultos na Geografia.....	30
CAPÍTULO 3	
O ensino de Geografia na EJA: o estudo do lugar.....	33
3.1 Localização da área de estudo.....	33
3.2 O lugar na aula de Geografia da EJA: observações da pesquisadora.....	37
3.3 A perspectiva do professor sobre o ensino de Geografia na EJA a partir do lugar..	41
3.4 O lugar na perspectiva dos alunos da EJA.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICES.....	55

INTRODUÇÃO

A Geografia passou nas últimas décadas por uma renovação, que lhe conferiu um caráter social, uma postura mais reflexiva sobre a relação sociedade-natureza. Os reflexos desta nova cara que essa disciplina adquiriu são observados tanto no meio acadêmico como na sociedade de maneira geral e nas escolas. Porém, a discussão social nessa ciência nem sempre é perceptível no mundo escolar, ou seja, não podemos afirmar que os benefícios da renovação desta ciência são trabalhados nas escolas. Referente à essa questão, Kaercher (2010, p. 225) ressalta a importância de formar uma consciência espacial nos alunos, para que a prática da cidadania seja possível. E essa consciência espacial, segundo este autor, diz respeito aos alunos perceberem o espaço como um elemento importante na organização social que está presente em nosso cotidiano. Ainda sobre esta questão, ele ainda afirma que se compreende a espacialidade das práticas sociais, entendendo melhor o local, nacional e global, e as relações entre essas escalas.

Segundo a discussão dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), a Geografia ministrada no Ensino Fundamental deve desenvolver com seus alunos uma compreensão do mundo atual a partir do espaço vivido, uma vez que eles carecem compreender como o local, o regional e o global relacionam-se nesse espaço. Esse discurso é reforçado por alguns estudiosos do ensino de Geografia, como por exemplo, Pontuschka (2007, p.135), que destaca para a necessidade do professor dessa disciplina saber qual a escala que está trabalhando com seus alunos, procurando utilizar várias escalas em suas aulas, pois, como afirma esta autora, vivemos em uma sociedade desigual do ponto de vista social e econômico, na qual esse fator é importante para explicar essa realidade.

Trazer para a sala de aula a realidade do aluno para explicar os conteúdos ministrados, permite que ele compreenda que o lugar em que vive faz parte de um todo/mundo e, assim, compreendam melhor o processo de globalização, identificando, por exemplo, que o que existe são espaços da globalização (STRAFORIN, 2008), e que o local em que vivem é um destes.

A abordagem do lugar permite ao professor possibilidades de dinamizar as aulas, induzindo os alunos a compartilharem suas experiências e conhecimentos. Desenvolve nos estudantes uma visão crítica do mundo a partir da sua realidade e proporciona aos mesmos perceberem que fazem parte da discussão realizada pela Geografia sobre a sociedade. Sendo assim, o conhecimento geográfico apreendido na escola pode ser

utilizado tanto para entender sua comunidade, cidade, município e mundo, como para agir de maneira ativa na realidade atual como um cidadão. Isso só se torna possível com o estudo do lugar do aluno de forma ampla, de maneira crítica, possibilitando que o mesmo compreenda seu local como integrante de um todo.

Diante do exposto, este trabalho tem por objetivo verificar como o ensino-aprendizagem de Geografia na EJA da rede pública estadual de ensino de Campina Grande trabalha o estudo do lugar como base para compressão e leitura do mundo atual pelos alunos. Para tanto, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Analisar como professores de uma escola pública do Ensino Fundamental II de Campina Grande (Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Itan Pereira) abordam o estudo do lugar na disciplina de Geografia;
- Identificar quais as dificuldades encontradas por estes professores para realizar o estudo do lugar nas aulas de Geografia;
- Avaliar qual a percepção dos discentes desta escola sobre a realidade local onde estão inseridos;
- Verificar qual o sentimento de identidade os discentes tem com relação ao lugar em que vivem.

Para realização do trabalho utilizou-se dos seguintes procedimentos metodológicos: levantamento de referências acerca do tema; realização de entrevista com professor da rede pública estadual, e aplicação de questionários com alunos da rede pública estadual. A análise das referências tomou por base a procura na internet, por meio de palavras chaves relacionadas à temática; consulta na biblioteca central da UFCG e em acervos particulares de professores, de livros, artigos e matérias que abordassem sobre a temática, e acerca dos métodos a serem utilizados para realização da pesquisa. Como técnicas de pesquisa foram realizadas aplicação de questionário semiestruturado, entrevista e observação de aulas, que foram realizadas durante o período de um mês, de setembro a outubro de 2017.

A observação é, de acordo com Lakatos (2003, p. 190), “uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade”. Ela permite examinar fatos ou fenômenos os quais se deseja estudar, constituindo-se como um elemento básico de investigação científica utilizado na pesquisa de campo. A observação da escola foi realizada durante o período de um

mês, entre setembro e outubro de 2017 durante o turno da noite. Nessa observação foi analisada a escola e, as turmas dos anos finais do Ensino Fundamental II (três turmas do nono ano).

Como destacado pela autora no parágrafo anterior, a observação permite examinar os fatos que se deseja estudar, no que tange ao objetivo desta pesquisa a observação foi realizada em um primeiro momento para o reconhecimento do objeto de estudo. Onde foram analisados aspectos relacionados à estrutura da escola e perfil do alunado. Em seguida procedeu-se com a observação das aulas de Geografia nas turmas do 9º ano do EJA. Nesta etapa foi analisada a dinâmica das três turmas de EJA, com destaque para as metodologias utilizadas pelo professor e para a interação da turma entre si, com o professor e com os conteúdos ministrados.

A observação oferece as vantagens de estudar uma ampla variedade de fenômenos simultaneamente, permite a coleta de dados sobre um conjunto de atitudes comportamentais dos sujeitos investigados, dados que não são identificados por meio de roteiro de entrevistas ou de questionários (LAKATOS, 2003). A modalidade de observação utilizada nessa pesquisa foi não estruturada assistemática, por meio de observador não participante, com uma equipe, no ambiente real dos sujeitos.

A entrevista, de acordo com Lakatos (2003), permite que se obtenham informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional, realizada face a face, de maneira metódica. Utilizamos uma entrevista estruturada por um roteiro previamente estabelecido; com perguntas predeterminadas.

O Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas respondidas por escrito, que podem ser de três categorias: abertas, fechadas e de múltipla escolha; nessa pesquisa foram utilizadas questões abertas no questionário. Também chamadas de livres ou não limitadas, permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões (LAKATOS, 2003).

Utilizamos o método de análise dialético, através do qual os fatos são considerados dentro de um contexto social, levando em conta a contradição existente que ocorre na natureza e na sociedade. (MARCONI e LAKATOS, 2003). Ainda para os autores citados,

[...] para a dialética, as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está "acabada", encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver; o fim

de um processo é sempre o começo de outro. Por outro lado, as coisas não existem isoladas, destacadas uma das outras e independentes, mas como um todo unido, coerente. Tanto a natureza quanto a sociedade são compostas de objetos e fenômenos organicamente ligados entre si, dependendo uns dos outros e, ao mesmo tempo, condicionando-se reciprocamente (LAKATOS, 2003, p. 101).

Para tabulação das informações foram utilizados os seguintes procedimentos: análise dos registros das observações feitas em sala de aula, análise de discurso das respostas dos questionários e da entrevista realizada.

Analisou-se a entrevista por meio da técnica da análise de discurso, que propõe a construção do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) que, segundo Lefèvre e Lefèvre (2003), é uma proposta de organização e tabulação de dados qualitativos de natureza verbal, obtidos de depoimentos, artigos de jornal, cartas, revistas especializadas etc. Ainda segundo os autores, o discurso é construído a partir da análise do material verbal coletado extraindo-se de cada um dos depoimentos as ideias centrais e/ou ancoragens e as suas correspondentes expressões-chaves; com as expressões das ideias centrais ou ancoragens semelhantes compõe-se um ou vários discursos na primeira pessoa do singular. Para análise dos questionários, no qual todas as perguntas foram abertas, também utilizamos essa técnica, tabulando as informações fornecidas no texto das questões.

Por fim, o trabalho está organizado em três capítulos, além dessa introdução e das considerações finais. O primeiro, intitulado *Os conceitos de lugar na Geografia*, apresenta uma breve trajetória do conceito dentro desta ciência, destacando como as concepções da Geografia Crítica e da Geografia Humana o abordagem. No segundo capítulo, denominado *Ensino de Geografia e Lugar*, é realizada uma discussão que destaca como a Geografia Escolar aborda o estudo do lugar. Apresenta as dificuldades apontadas atualmente para o ensino de Geografia. Além disso, discorre sobre como ocorre a abordagem do lugar na Educação de Jovens e Adultos. No terceiro e último capítulo, nomeado *O ensino de Geografia na EJA: o estudo do lugar*, são apresentados os resultados desta pesquisa. Nele, apresentamos as perspectivas dos alunos e do professor quanto a abordagem do lugar no ensino-aprendizagem de Geografia na EJA da Escola Estadual Itan Pereira. Enfim, expomos as potencialidades, dificuldades e fragilidades no tratamento desse conceito nesse nível da educação. Por fim, nas considerações finais, abordamos as respostas identificadas nessa pesquisa em relação ao objeto e ao problema levantados nesse estudo.

CAPÍTULO 1

OS CONCEITOS DE LUGAR NA GEOGRAFIA

O ser humano produz, como resultado das relações entre si e o meio, o espaço geográfico, objeto de estudo da Geografia. Para compreender as várias facetas desse espaço esta ciência lança mão de alguns conceitos, entre eles o de *lugar*. Dentro da Geografia o lugar adquire conotações diferentes dependendo da corrente de pensamento utilizada por essa ciência. Nesse trabalho será abordado o conceito de lugar trabalhado por autores como Yi Fu Tuan, Milton Santos, Ana Fani e Paul Claval, nos quais o conceito transita entre as correntes: humanista e crítica da Geografia.

Portanto, para nos aproximarmos do conceito que fundamenta essa pesquisa, esse capítulo tem como objetivo discutir o conceito de lugar, traçando um pouco da sua trajetória e destacando os aspectos fundamentais para compreensão do mesmo como um conceito atual e importante na compreensão do mundo atual.

1.1 Geografia humanista e lugar

Na Grécia antiga o conceito de lugar foi abordado por Aristóteles, que o considerava como o limite que circunda o corpo. Mais adiante, Descartes considerou que o lugar seria também definido segundo a posição de um corpo em relação a outros corpos (RIBEIRO, 1993 *apud* FERNANDES, 2013). O lugar é um dos conceitos-chaves da ciência geográfica que por muito tempo foi concebida como o estudo dos lugares e regiões (RELPH 2012 *apud* FERNANDES 2013). Hartshorne (1978 *apud* FERNANDES 2013) destaca que o sentimento de pertencimento e identificação com determinada porção do espaço faz parte das relações sociais dos seres vivos muito antes dos geógrafos abordarem o tema.

Dentro da Geografia a ideia de lugar esteve associada, por longo período, àquela de localização do fenômeno na superfície terrestre (CARLOS, 2007). Isso muda quando o conceito passa a ser abordado de forma fenomenológica pelos geógrafos humanistas, que englobam os sentimentos, emoções e experiências humanas na interpretação do conceito (FERNANDES, 2013).

O geógrafo Yi Fu Tuan (2013) desenvolveu, dentro desta perspectiva, a noção de lugar, destacando a importância da experiência humana para a construção do seu conceito. O referido geógrafo (op. cit.) afirma que o lugar transmite sensação de segurança, o que permite ao ser humano realizar uma experiência íntima com o espaço. O autor aborda o conceito dentro da perspectiva humanista, destacando que o indivíduo, através de todos os seus sentidos (paladar, tato, visão, audição), constrói e vivencia o lugar/mundo. Essa construção do lugar está diretamente relacionada, ainda para ele, com os aspectos culturais, biológicos e geográficos. Como resultado dessa relação, temos a experiência humana sobre os lugares, a qual permite que, a partir de todos os sentidos (paladar, tato, visão e audição), o ser humano construa vasto conhecimento acerca dos lugares.

Dentro da noção de construção do conceito de lugar, a partir das experiências com o meio, Tuan (2013) nos traz a afirmação que o primeiro lugar de um ser humano é a mãe, o pai, entendendo o conceito de forma ampla como um centro de valor, de significados. Com o desenvolvimento a criança aumenta sua escala, de pessoas para objetos, o berço, o quarto, a casa etc., até chegar à escala de localidades, expandindo o horizonte geográfico à medida que cresce. Assim:

O bebê adquire o sentido de distância ao escutar o som de uma voz humana que indica a aproximação de sua mãe. Uma criança é levada para a escola algumas vezes e daí em diante pode fazer o percurso sozinha, sem a ajuda de um mapa... Estamos em uma parte desconhecida da cidade: um espaço desconhecido se estende à nossa frente. Após algum tempo, conhecemos alguns referenciais e os caminhos que os ligam. Eventualmente o que foi uma cidade estranha e desconhecida se torna um lugar familiar. (TUAN, 2013, p. 243).

O espaço, dessa forma, se transforma em lugar à medida que adquire definição e significado. No espaço estão presentes os objetos e as pessoas com as quais são construídas as relações, que permitem ao sujeito dar significado aos lugares. A relação individual do ser humano com o lugar é o tema chave da discussão sobre o conceito dentro a abordagem humanística.

Além do geógrafo Yi-fu Tuan, Paul Claval (2010) discute o conceito de lugar dentro da Geografia Humanista, com ênfase para a experiência e subjetividade presentes na relação: homem e espaço geográfico. As discussões de Claval (2010) tomam como referência o habitar para abordar a experiência humana com o lugar, os ambientes onde o ser humano constrói suas relações íntimas com o espaço: a casa, a vizinhança, a

escola, o trabalho etc. Para o autor habitar é se inserir em um ambiente onde os aspectos físicos e sociais rapidamente se tornam familiares.

“O espaço do domicílio é fundamental para o equilíbrio psicológico do indivíduo” (CLAVAL 2010, p. 40). Nele, o ser humano recarrega suas energias para um novo dia, encontra o abrigo que lhe protege das intempéries do mundo: chuva, frio, calor etc. A experiência do domicílio não necessita de um lugar estático, o autor destaca que os nômades:

De um lugar a outro, eles transportam – como um tapete – os nomes que lhe servem para falar de seu cotidiano: o lugar onde dormem, o local onde as mulheres cozinham... . As tendas estão sempre orientadas da mesma maneira... . A sensação de ser estrangeiro nunca chega a ser total: o habitar parecido, o habitar da vida familiar, dos pais, dos filhos dos amigos, continua o mesmo. (CLAVAL, 2010, p. 41)

A mesma ideia o autor aplica aos viajantes, que encontram um ambiente estranho fora das paredes dos hotéis, visto que dentro destes espaços não existe surpresas quanto às comodidades de um lar. O habitar vai para além do ambiente domiciliar, se estende também a vizinhança, a escola, ao local de trabalho, espaços onde as pessoas levam uma vida social (CLAVAL, 2010). Em uma noção de escala se refere ao quarteirão, bairro, cidade passando por uma multiplicidade de lugares.

Nessa relação com os lugares que frequenta constantemente e com as pessoas que aí encontra, o indivíduo torna-se uno com o lugar, formando as comunidades (CLAVAL, 2010), as quais são chamadas, pelo autor, de comunidades primárias, elas surgem da experiência direta de cada indivíduo com os lugares. Claval (2010) também fala em comunidades virtuais e imaginadas, as primeiras se referem às relações que as pessoas estabelecem por meio das novas tecnologias (telefone celulares, computadores, internet) que permitem o contato e proximidade com quem está geograficamente distante. Já as comunidades imaginadas dizem respeito as que são ensinadas e fabricadas pelos meios de comunicação de massa e manipuladas pelos sujeitos políticos.

O ser humano habita o planeta de várias formas, percebemos esse fato conforme viajamos e tomamos conhecimento de novos lugares; o habitar é a maneira pela qual o ser humano vivencia os espaços e transforma-os em lugares (CLAVAL, 2010).

Cabe ainda destacar sobre o conceito que, os lugares adquirem identidade e significado graças às intenções humanas, ele é criado pelos homens para atender aos objetivos destes (RELPH apud. LEITE, 1998). Como uma construção subjetiva, o lugar

não é dotado de limites visíveis no mundo concreto, algo que só vem à tona quando uma ameaça surge como a demolição de um monumento etc. (LEITE, 1998). Nesse caso, por exemplo, os interesses governamentais nem sempre respeitam as relações de identidade não mapeáveis.

Dentro da discussão levantada por estes autores, percebe-se que o conhecimento que cada indivíduo possui sobre o lugar onde habita, é indispensável para compreensão do conceito. Porém, a análise da nossa experiência com o mundo considerando apenas os aspectos subjetivos não nos permite compreender toda a complexidade do mesmo. Nossas atitudes e intenções são influenciadas por diversos fatores como, por exemplo, as relações de produção (COSGROVE *apud* LEITE, 1998).

Sendo assim, torna-se necessário utilizar outra abordagem sobre o conceito de lugar, que considere os aspectos materiais e históricos na sua construção.

1.2 Geografia crítica e lugar

Simultaneamente aos estudos de lugar dentro da Geografia Humanista, foram realizados também os estudos dentro da Geografia Crítica acerca deste conceito. Dentro desta abordagem o centro da discussão não está necessariamente no sujeito em si, e sim no lugar como um todo dentro do mundo globalizado. “A sua maneira cada lugar é o mundo”, porém os lugares são diferentes entre si pelas suas particularidades e formas de interagir com o mundo, a existência do mundo se dá nos lugares. (SANTOS, 2006)

Dentro da Geografia Crítica o lugar ganha importância por meio de autores como Milton Santos e Ana Fani, para os quais o lugar é interpretado a partir de sua relação intrínseca com o global e, assim, com as necessidades de reprodução do capital. A acumulação da técnica torna-se um dos elementos mais importantes na análise do lugar, entendendo que “As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço” (SANTOS, 2006 p. 16). Dessa forma, a relação entre homem e o meio ocorre através da técnica.

Os estudos do lugar dentro desta abordagem destacam a individualidade dos lugares, que se manifesta através do meio técnico-científico-informacional. De acordo com Santos (2006), os lugares são vistos pelo mundo, no atual processo de globalização, desde que preparados, como espaços que podem atender aos interesses da: economia, cultura e política hegemônicas.

O espaço "no qual o homem sobrevive há mais de cinquenta mil anos [...] tende a funcionar como uma unidade" (J. Bosque Maurel, 1994, p. 40). Pelo fato de ser técnico-científico-informacional, o meio geográfico tende a ser universal. Mesmo onde se manifesta pontualmente, ele assegura o funcionamento dos processos encadeados a que se está chamando de globalização. (SANTOS, 2006, p. 160).

Como resultado da produção espacial, realizada no plano do cotidiano nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico, temos a divisão social e técnica do trabalho que produz uma morfologia espacial fragmentada e hierarquizada (CARLOS, 2007).

Utilizar a abordagem da Geografia Crítica para analisar o lugar, permite aos sujeitos situar sua realidade dentro da dinâmica do mundo moderno com todas as suas contradições:

Com a modernização contemporânea, todos os lugares se mundializam. Mas há lugares globais simples e lugares globais complexos. Nos primeiros apenas alguns vetores da modernidade atual se instalam. Nos lugares complexos, que geralmente coincidem com as metrópoles, há profusão de vetores: desde os que diretamente representam as lógicas hegemônicas, até os que a elas se opõem. (SANTOS, 2006, p. 218).

O autor destaca que os objetos que compõem o espaço geográfico atual são intencionalmente concebidos e fabricados para o exercício de certas finalidades, resultando em uma ordem espacial, também, intencional. Tudo isso se expressa no lugar, visto que "É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz". Parafraseando Santos (2006), a ordem global busca impor, aos lugares, uma única racionalidade, porém os lugares respondem a esta ordem de acordo com os diversos modos de sua própria racionalidade, sua individualidade. Como resultado desta relação: "Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente".

No lugar se concentra os atores sociais, o grande capital, as condições de reprodução da força de trabalho, da vida cultural, dos meios de vigilância, administração e repressão (CARLOS, 2007).

Graças ao desenvolvimento da técnica o tempo de percurso da comunicação e circulação de mercadorias se compactou de forma impressionante, fazendo com que próximo e distante se liguem quase que instantaneamente. Para Carlos (2007),

presenciamos uma tendência à eliminação do tempo, não se trata de sua abolição total, mas de sua substancial diminuição, como consequência do espantoso desenvolvimento da ciência e da tecnologia aplicados ao processo produtivo. O espaço, contudo, permanece e é indispensável já que as distâncias são percorridas em menos tempo mais não deixarão de existir e o espaço não se resumem só à distância a ser percorrida, já que é também arranjo dos objetos e das ações fundamentais ao exercício de várias atividades humanas. Assim sendo,

[...] as distâncias continuam, necessariamente, a serem percorridas — por mercadorias, fluxos de capitais, informações etc. — não importa se em uma hora ou em frações de minutos; se nas estradas de circulação terrestres convencionais — auto-estradas que cortam visivelmente o espaço marcando profundamente a paisagem —, ou se nas superhighways, os cabos de fibra ótica, satélites etc. [...] (CARLOS, 2007, p. 13).

Assim, na Geografia Crítica podemos considerar que:

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. (SANTOS, 2006, p. 218).

Ainda de acordo com Santos (1988), podemos abordar o lugar segundo um ponto de vista biológico, reconhecendo a adaptabilidade do indivíduo, às mais diversas altitudes e latitudes, aos climas, às condições naturais mais extremas; e pode-se também abordar o ser humano não como um indivíduo isolado, mas como um ser social por excelência, que em seu processo histórico de evolução realiza sucessivas mudanças demográficas e sociais em cada continente, cada país, em cada região e em cada lugar.

Com o desenvolvimento do processo de globalização, os lugares se mundializam, porém isso não os torna homogêneos, como já mencionado, cada lugar é extremamente distinto do outro, ligado a todos os demais por um nexo único, pelas forças motrizes do modo de acumulação hegemonicamente universal (SANTOS, 1988).

“O lugar é um ponto do mundo onde se realizam algumas das possibilidades deste último. O lugar é parte do mundo e desempenha um papel em sua história...” (SANTOS, 1988, p. 13). Para o autor, o lugar representa um conjunto de objetos que têm autonomia de existência pelas coisas materiais que o formam, mas que não têm autonomia de

significação, já que todos os dias novas funções substituem as antigas, se impõem e se exercem.

Atualmente o conceito de lugar é abordado dentro dos estudos de Geografia tomando como base a visão humanística ou/e crítica (FERNANDES, 2013), algo que é refletido no ensino dessa ciência nas escolas. Pelas colocações aqui enunciadas sobre a visão de lugar, dentro destas perspectivas, o professor do ensino básico tem a sua disposição a possibilidade de, por meio do estudo do lugar onde seus alunos estão inseridos, contribuir para a formação de cidadãos conscientes de seu papel enquanto agentes sociais de construção e modificação do espaço.

As duas abordagens aqui apresentadas sobre este conceito podem ser utilizadas em conjunto para a sua construção no ensino da Geografia Escolar. Com a Geografia Humanística é valorizado o saber individual do sujeito com o seu lugar, construído a partir de suas experiências, podendo ser utilizada como ponto de partida para introduzir o conteúdo. Na Geografia Crítica o conhecimento individual e coletivo do ser humano, serve para compreensão do lugar dentro da dinâmica global, possibilitando que o sujeito compreenda seu lugar de maneira ampla. Dessa maneira, pode contribuir para que o aluno possa analisar de forma objetiva e crítica a sua realidade. Pela importância do conceito para interpretação do mundo a nossa volta, é indispensável seu emprego no ensino de Geografia da educação básica.

Entendendo que no mundo atual a globalização ocorre para todo o planeta e que esta se apresenta como um todo sistêmico, desigual e combinado (SANTOS, 2000 apud. STRAFORINI, 2008), trabalhar o local-global em sala de aula se torna difícil diante primeiramente da complexidade que este tema envolve.

Porém, apesar de complexo, quando pensamos em abordá-lo a partir do lugar de vivência dos estudantes, quando o aluno tem contato com esta complexidade do mundo global sistêmico, desigual e combinado por meio do local onde mora, onde se apresenta a espacialidade de suas práticas sociais, ele consegue enxergar a complexidade deste mundo em sua realidade. Assim, o lugar é uma das categorias geográficas que melhor permite ao professor explicar para o aluno o local-global. Nessa abordagem, o lugar compreenderia o “espaço vivido” do estudante.

CAPÍTULO 2

ENSINO DE GEOGRAFIA E LUGAR

Nesse capítulo são tecidas análises sobre o ensino de Geografia, o que ocorreu de mudanças significativas em relação ao seu currículo e metodologias e didáticas de ensino. Qual o papel do ensino de Geografia no século XXI? Como o ensino de Geografia é pensado para a Educação de Jovens e Adultos? Como o conceito de lugar é abordado na Geografia Escolar e como poderia contribuir para uma leitura do mundo que possibilite a compreensão da relação local-global-local dos alunos?

2.1 A Geografia escolar no Brasil

A Geografia escolar surge no século XIX na Europa, e sua finalidade era implantar no povo/sociedade o sentimento de identidade nacional, de patriotismo, alimentando a ideia de Estado-Nação como algo de origem natural, não histórica (VESENTINI, 1998). Assim sendo, era uma Geografia que servia aos interesses da burguesia. No Brasil ela também surge com esta finalidade, ou seja, é praticada uma Geografia escolar que pretende criar o sentimento de nacionalismo nos alunos, e que para tanto os conhecimentos geográficos ensinados dizem respeito, por exemplo, a descrição dos aspectos naturais do país (CASSAB, 2009).

Vesentini confirma essa ideia, ao afirmar que:

Numa perspectiva nacional, "o estudo do Brasil deve começar pela área e formato do território, latitude e longitude, fusos horários etc.; deve destacar sua imensa riqueza natural e nunca esquecer de, ao esboçar o mapa, colocar sempre a cidade-capital em seu 'centro geográfico', no 'coração do Brasil'."(VESENTINI, 1998, p. 11.)

Para atender a esta finalidade, a metodologia utilizada em sala de aula tinha por principal característica a memorização, era uma Geografia descritiva que não se preocupava com a reflexão acerca do que estava sendo ensinado (ROCHA, 2012). Para atender a este objetivo a Geografia escolar não se preocupava com o estudo crítico e analítico da sociedade, apenas com os estudos mnemônicos. Em tais princípios

metodológicos de ensino, os alunos decoravam várias informações descritivas acerca do país, nomes de rios, tipos de vegetação, estados e capitais etc. Não havia espaço para trabalhar a realidade do educando em sala de aula de forma crítica, a transmissão de informações e conhecimentos era a prática exercida pelos professores (CASSAB, 2009). Dessa forma, não se abordava os lugares dos alunos no ensino dessa matéria.

Esse ensino utilizava como base os fundamentos da Geografia Tradicional, a qual se centra no objeto terra/homem, caracterizada pela descrição dos aspectos humanos e naturais do planeta, a noção de território estava diretamente relacionada a de Estado, nação, território-nacional etc. (FERNANDES, 2013).

Para Cassab (2009), a Geografia escolar e a acadêmica coexistem em um movimento de dupla direção, ambas se nutrem uma da outra e dos contextos e realidades onde estão inseridas. De acordo com a autora, a Geografia escolar brasileira foi influenciada pela revolução teórica-quantitativa, na segunda metade do século XX. O que trouxe uma nova perspectiva para a ciência, que ainda tinha como objetivo destacar os aspectos naturais do país no sentido de engrandecer o território brasileiro; e como metodologia de ensino adotava também a memorização. A nova roupagem diz respeito à incorporação de métodos matemáticos para validar a cientificidade da ciência e trazer “neutralidade” para a mesma (CASSAB, 2009).

As discussões sobre o conceito de lugar dentro da Geografia brasileira ganham importância na academia por meio da Geografia Crítica e da Geografia Humanística nas décadas de 70 e 80. O reflexo desse debate passa a ser incorporado pela Geografia escolar ainda nos anos 90. Porém, as novas abordagens, crítica e humanística, foram praticadas por professores formados pela Geografia clássica, que aplicavam os conteúdos sem discussão e profundidade científica, desconexos da realidade dos educandos. Isso resulta em que “Agora, em vez de decorarem os nomes dos rios, os alunos memorizavam o que era divisão social do trabalho, mais valia, modo de produção etc.” (CASSAD, 2009, p. 49).

A discussão sobre a necessidade de renovação no ensino de Geografia com críticas ao ensino mnemônico foi realizada ainda no século XX, um dos destaques nesse sentido, de acordo com Rocha (2012), foi o professor Delgado de Carvalho. Vesentini (1998) destacava a necessidade de um ensino crítico de Geografia nas escolas, para formação de educandos conscientes de um espaço geográfico enquanto resultado do processo histórico social.

A década de 1990 foi extremamente importante para educação brasileira, fruto de um longo processo de debate com vários setores da sociedade é elaborada e aprovada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96), que representa um marco na história do país. Várias ações legais foram realizadas pelo governo brasileiro a partir desta década com objetivo de cumprir exigências internacionais para inserção do país dentro do mercado econômico mundial. Cavalcanti (2012) destaca os Parâmetros Curriculares Nacionais; o programa Nacional do Livro Didático, o Exame Nacional do Ensino Médio, a política de formação de professores entre outros. Esses fatos não foram específicos do Brasil, ocorreram em vários países e sempre orientados por medidas neoliberais (CAVALCANTI, 2012).

Diante deste cenário no qual se encontrava a educação brasileira, o ensino de Geografia passa a ter um novo papel, isso é perceptível, por exemplo, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Os PCN foram elaborados como referenciais para a renovação e reelaboração da proposta curricular brasileira, implementados como sugestão, não como obrigatoriedade (BRASIL, 1998). O conceito de lugar no ensino de Geografia tem destaque dentro das discussões desse documento. Vejamos:

A Geografia,... oferece instrumentos essenciais para a compreensão e intervenção na realidade social. Por meio dela podemos compreender como diferentes sociedades interagem com a natureza na construção de seu espaço, as singularidades do lugar em que vivemos, o que o diferencia e o aproxima de outros lugares e, assim, adquirir uma consciência maior dos vínculos afetivos e de identidade que estabelecemos com ele. Também podemos conhecer as múltiplas relações de um lugar com outros lugares, distantes no tempo e no espaço e perceber as relações do passado com o presente (BRASIL, 1998, p. 15).

Diante do que foi exposto verifica-se que o conceito de lugar começa a ganhar importância na Geografia escolar durante esse período, no qual a mesma passa de forma geral por uma renovação. É necessário para realizar os estudos do espaço geográfico ter como referência a realidade do aluno (CAVALCANTI, 1998), que ocorre no plano do espaço cotidiano deste indivíduo: o lugar.

Para resolver os problemas sociais enfrentados na sociedade brasileira é necessária uma educação básica que promova a formação da cidadania, de sujeitos que realizem uma participação social crítica em sua realidade (CAVALCANTI, 1998). Isso

é possível mediante o ensino e a aprendizagem da Geografia Crítica, ao lado de outras práticas educativas.

Para Cavalcanti (1998), as propostas de reformulação do ensino de Geografia têm em comum o fato de, apontarem as possibilidades de um ensino da disciplina que cumpra um papel politicamente voltado aos interesses das classes populares. Essas propostas não se referem às instâncias oficiais, mas sim as discussões de estudiosos do ensino de Geografia nessa virada do século, as quais tem destacado a importância do conceito de lugar no ensino dessa disciplina.

Diante do exposto verificamos que ainda existem muitas lacunas no ensino de Geografia, as quais dificultam que a disciplina cumpra o papel de formar cidadãos conscientes de seu papel como agentes sociais.

2.2 Desafios à Geografia escolar

Nesse início do século XXI, o país tem cumprido o papel de garantir o acesso quase universal à escolarização básica por meio de políticas públicas, algumas do final dos anos 90 do século XX. Contudo, apesar de ter ocorrido uma ampliação no acesso à educação básica obrigatória, a aprendizagem dos alunos tem demonstrado em sistemas de avaliações nacionais, dados negativos (CAVALCANTI, 2012). De acordo com a autora, as escolas públicas são as que apresentam os piores resultados, demonstrando que estamos muito longe de reduzir as desigualdades do país.

Diversos fatores podem ser apontados como responsáveis pela atual situação da educação brasileira, na qual se encontra o ensino de Geografia. Citando alguns temos os baixos investimentos na estrutura física das escolas, falta de formação para os profissionais da educação, incluídos aí não só os professores, falta da garantia à permanência dos alunos na escola etc.

O ensino do lugar está incluído dentro das questões referentes ao currículo obrigatório para a educação, já vimos aqui que o conceito perpassa dentro dos documentos oficiais com grande relevância. Porém, a concepção de lugar abordada no PCN dá preferência aos estudos que levam em consideração à abordagem fenomenológica, com ênfase no estudo do lugar dentro da perspectiva conceitual da Geografia Humanística (CASSAB, 2009). Como resistência ao projeto oficial para o

ensino de Geografia, existe modelos mais alternativos e autônomos (CAVALCANTI, 2012).

Santos (2008) destaca alguns exemplos de propostas alternativas aos modelos oficiais de ensino que ocorreram ainda nos anos de 1990, nas quais a novidade foi os currículos centrados nas escolas, em projetos de renovação desenvolvidos pelos municípios de São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Para ele,

Em linhas gerais, as propostas anunciavam a necessidade de cada unidade escolar realizar estudos da realidade local para que a partir desta investigação se extraíssem os temas geradores. Tais temas desafiariam as disciplinas escolares a contribuir para a compreensão de determinada problemática e a superação dialética dos saberes de senso comum trazidos pelos estudantes. (SANTOS, 2008, p. 27).

Já foi apresentado no primeiro capítulo a importância de trabalharmos com as duas abordagens, crítica e humanística, sobre o conceito de lugar. Porém, a segunda oferece a possibilidade de compreender o lugar apenas do ponto de vista subjetivo e individual do sujeito. Consideramos isso muito importante, mas é necessária a compreensão do lugar dentro da complexa e contraditória dinâmica global, enfatizando a sua dimensão coletiva (social) e objetiva, o que vai possibilitar ao educando compreender seu lugar de maneira ampla, para que, então, como sujeito consciente de seu papel social, contribua para a transformação da realidade onde está inserido.

Para viabilizar esse ensino é necessário que o governo garanta educação pública de qualidade à população. Segundo Cavalcanti (2012), para além das políticas públicas, existem outros elementos que podem contribuir para melhorar a qualidades do ensino nas escolas, o professor é um dos agentes que pode viabilizar essas mudanças. Como a autora destaca, para isto, é necessário priorizar o processo de formação desse profissional. Uma formação continuada, que abranja as questões referentes aos diferentes contextos culturais, a tecnologia atual, que não se prenda aos conteúdos específicos de sua disciplina etc.

Para ensinar é necessário pesquisar, buscar novos campos de conhecimento, novos pontos para uma questão, sempre buscando evoluir, conhecer e comunicar:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazerem se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2014, p. 30).

Segundo a perspectiva de Paulo Freire, todo professor deve ser o problematizador, o causador de uma curiosidade no educando, para que possa despertar uma capacidade crítica no seu alunado, aproximando-os o máximo possível de seus objetos cognoscíveis, respeitando os saberes dos educandos.

De acordo com Freire (2014), o educador deve ser comprometido com a ética universal do ser humano, que é afrontada por qualquer tipo de manifestação discriminatória, de raça, gênero, de classe. Esta ética não pode ser associada aos interesses do capital, e sim estar a serviço e do lado dos explorados por esse sistema. Assim sendo, o referido autor aborda as práticas educacionais para uma libertação sem opressão.

Alunos e professores constroem Geografia em suas atividades diárias, seja ao circularem pela cidade, bairro, rua, ao irem trabalhar, etc., carregam com si uma gama de conhecimentos geográficos presentes na prática social cotidiana em forma de espacialidades (CAVALCANTI, 2012). E como afirma a autora, cabe à escola a tarefa de utilizar esse conhecimento dos alunos, ampliando a qualidade deste saber de maneira que permita uma reflexão crítica da realidade, indispensável para construção da cidadania.

Paulo Freire também destaca a importância de trabalharmos com a realidade concreta do aluno, objetivando construir sua emancipação. Para o autor a aprendizagem é necessária, sobretudo para transformar a realidade, para que o sujeito possa intervir na sociedade, recriando-a. Tal intervenção pode tanto reproduzir a ideologia dominante como desmascará-la (FREIRE, 2014). Sendo assim, um dos objetivos de uma educação libertadora deve ser o de dá sentido real ao que é ensinado, não posso fazer o aluno aprender sobre o mundo globalizado sem fazer o mesmo identificar seu lugar dentro deste mundo.

O que seria essa cidadania? Nas palavras de Cavalcanti (2012, p. 46), “Formar cidadão é um projeto que tem como centro a participação política e coletiva das pessoas nos destinos da sociedade”. Compreendemos que essa tarefa não é exclusividade do ensino de Geografia, contudo, são indispensáveis os saberes adquiridos neste ensino para o exercício pleno da cidadania. Uma vez que, por meio da Geografia, o educando compreende o espaço geográfico do qual faz parte, como fruto de um longo processo

histórico e social, que está em constante transformação, sendo o aluno um dos sujeitos que contribui para essas modificações.

Porém, a ação realizada no espaço pelo indivíduo/educando é condicionada por diversos agentes sociais e está sujeita a reprodução de uma lógica global que foge, na maioria das vezes, aos objetivos e interesses do sujeito que a reproduz. O ensino de Geografia cumpre o papel de permitir ao educando a compreensão do seu lugar dentro desta lógica global, que interfere diretamente na realidade vivida pelo aluno. Recordando o que Santos (2006) afirma cada lugar é a sua maneira o mundo, pois reproduz aí os interesses da globalização do capital.

Diante do exposto, a Geografia Escolar ainda enfrenta muitas dificuldades para promover um ensino que permita aos educando compreender de forma crítica a complexidade do lugar onde vive. Assim sendo, aprofundar os estudos sobre as possibilidades e os desafios da utilização do conceito de lugar no ensino de Geografia é essencial para efetivação da formação cidadã do indivíduo. Identificando a abordagem mais coerente para construção dessa formação, compreendendo que as duas abordagens de lugar devem ser utilizadas, porém a da Geografia Crítica permite ao sujeito uma total compreensão da complexidade do seu lugar no mundo.

2.3 O ensino de Jovens e Adultos na Geografia

O ensino de jovens e adultos também ganhou destaque dentro do cenário nacional na década de 90. Nesse período a LDB:

[...] reiterou os direitos educativos dos jovens e adultos ao ensino adequado às suas necessidades e condições de aprendizagem e estabeleceu as responsabilidades dos poderes públicos na identificação e mobilização da demanda, e na provisão de Ensino Fundamental gratuito e apropriado. (DI PIERRO, 2010, p. 941).

Quando falamos em Educação de Jovens e Adultos da educação básica, estamos falando de um público que é formado por muitas mães, pais de família que carregam consigo muitas responsabilidades para além dos muros da escola. São jovens, adultos e idosos que cursam esta modalidade de ensino porque, as condições socioeconômicas nas quais se encontravam na infância e na adolescência não permitiram ou dificultavam o acesso à escola, ou a permanência e a conclusão do processo de escolarização

(SANTOS, 2008). O autor afirma que se constituem em sua maioria enquanto classe trabalhadora, porém, atualmente, outro grupo vem caracterizando os cursos de EJA são os adolescentes recém-egressos do período diurno, que, de acordo o referido autor (2008), recorrem à EJA em função do trabalho precoce, outros, por serem evadidos, repetentes, expulsos ou transferidos dos cursos regulares.

Os anos 1930 é o marco inicial das políticas concretas para a educação de adultos, quando ela aparece no texto da Constituição de 1934, porém foi no período final do anos de 1940 que a visão do analfabetismo das grandes massas de adultos passa a ser vista como um problema nacional pelos dirigentes da nação (BEISIEGEL *apud* SANTOS, 2008). Segundo os autores no início dos anos 1960, um conjunto de iniciativas oficiais e não oficiais, em sua maioria concentradas na região Nordeste, se destacaria no cenário da educação de adultos no Brasil.

Duas dessas tendências educacionais embasadas pelo pensamento crítico passaram a polarizar as discussões no país: a pedagogia crítico-social dos conteúdos ou pedagogia histórico-crítica, de Dermeval Saviani; e a educação libertadora, ou educação popular originária da obra de Paulo Freire (SANTOS, 2008). De acordo com o autor os cursos supletivos presenciais, foram os que levaram a EJA para dentro das escolas, desconsiderando, porém o embasamento das propostas dos educadores mencionados.

Para Santos (2008) o currículo do EJA no início do século XXI, tomou como referência o mundo do trabalho para a discussão e a elaboração de projetos pedagógicos. Para a Geografia escolar, o trabalho sempre esteve presente como mediador da ação humana frente à natureza, esse saber é introduzido no EJA a partir de quatro dimensões básicas: o espaço vivido, a história de vida, a experiência de trabalho e os conceitos geográficos cotidianos (SANTOS, 2008). O autor destaca ainda que o espaço vivido ganhou destaque nas propostas curriculares analisadas nesse início de século.

Porém, a análise realizada do material do EJA por Santos (2008) identificou que, o conhecimento escolar veiculado pela Geografia se reduz ao estudo do lugar, que é apresentado sem conexão com o mundo global. Não considerando todas as relações existentes entre o lugar e os demais conceitos da Geografia. Percebe-se que assim como no ensino regular, na Educação de Jovens e Adultos o conceito de lugar não é abordado no currículo em toda sua complexidade. Essencial para formação do sujeito enquanto cidadão crítico, ciente da sua condição de ser social que pode transformar sua realidade.

O trabalho no ensino de Geografia dentro do EJA é essencial por abordar uma realidade tão próxima do educando em questão, porém, como destaca o autor, o mundo onde esses sujeitos estão inseridos é um mundo de responsabilidades, injustiças e desigualdades que precisa de uma abordagem mais complexa e crítica sobre as relações de trabalho. Afirma que,

Também falamos de direitos, racismos, sexismos, preconceito lingüístico e cultural, além de uma gama variada de tensões cotidianas; mas também falamos de outras possibilidades, de outras formas históricas de trabalho mais solidárias que podem ser ou que já estão sendo construídas. O conjunto de todos esses aspectos pode ser alvo de problematização por uma Geografia que privilegia o trabalho – em todos os seus sentidos – também como princípio educativo. (SANTOS, 2008, p. 314)

Assim como para as demais modalidades de ensino, para a Educação de Jovens e Adultos é indispensável o estudo do lugar, não basta apenas trabalhar as questões referentes ao mundo do trabalho. Nosso objetivo é desvendar, através da pesquisa empírica realizada em uma escola da rede pública estadual de Campina Grande, como o lugar se constitui como base para o ensino de Geografia na EJA. No próximo capítulo apresentamos o trabalho de observação e análise realizado na Escola Estadual Professor Itan Pereira, onde foi possível diagnosticar alguns desafios e potencialidades dentro do ensino de Geografia a partir do lugar.

CAPÍTULO 3

O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EJA: O ESTUDO DO LUGAR

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil recebeu nas últimas décadas investimentos governamentais que ampliaram a oferta dessa modalidade, porém, desde 2008, as matrículas apresentaram significativa redução. Segundo relatório do INEP (Censo escolar), no ano de 2016 foram 3,4 milhões de alunos matriculados, número que, de acordo com o órgão, é positivo, pois demonstra um leve aumento nas matrículas que antes apresentavam queda (BRASIL, 2017).

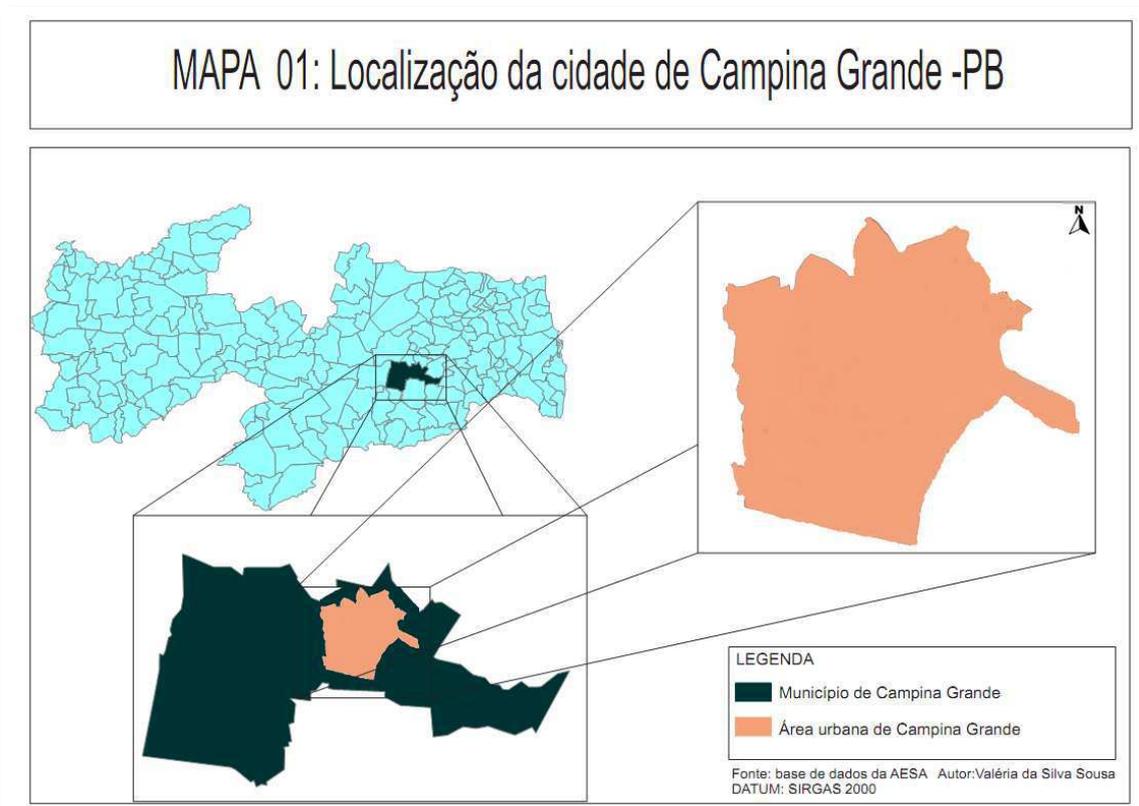
Esse resultado, contudo, está longe de suprir às necessidades educacionais da população de jovens e adultos do Brasil. Em 2016, segundo o mesmo censo do INEP, a quantidade de analfabetos era de 13 milhões de pessoas, fazendo do país a oitava nação do mundo com número maior de adultos analfabetos. O número aumenta quando se leva em conta o analfabetismo funcional. De acordo com o instituto Paulo Montenegro, que mede o nível de alfabetismo funcional da população entre 15 e 64 anos, em 2012, o Brasil contava com 27% da população nessa condição.

Com essa breve introdução fica evidente a importância dessa modalidade de ensino para nossa sociedade, assim como os estudos que buscam analisar e compreender os desdobramentos dessa educação. São milhões de jovens e adultos sem as condições mínimas de educação necessárias ao exercício de sua plena cidadania. O ensino de Geografia para a EJA, assim como para as outras modalidades, é indispensável para construção de saberes que permitam ao indivíduo sua emancipação intelectual e social. Essa construção passa pela abordagem do conceito de lugar. Esse capítulo tem por finalidade apresentar o objetivo geral deste trabalho que é o de compreender como o ensino-aprendizagem de Geografia, da rede pública de Campina Grande-PB, trabalha o lugar dos estudantes da EJA como base para a compressão e a leitura do mundo atual pelos alunos.

3.1 Localização da área de estudo

O município de Campina Grande-PB, onde a escola se localiza, está inserido na parte oriental do planalto da Borborema, no Agreste paraibano. Possui uma população

em torno de 385.276 habitantes, desse total 95,33% vive na zona urbana (BRASIL, 2010). O mapa a seguir apresenta a localização do município, com destaque para sua área urbana:



Campina Grande é o segundo maior município do Estado da Paraíba em número de habitantes, concentra grande diversidade de serviços, uma expressiva economia com grande número de indústrias instaladas, o que confere ao mesmo importante papel na economia do estado e dinâmica da região.

Surge como um eixo centralizador de um amplo território dentro do estado da Paraíba, sendo responsável pelo escoamento dos produtos da região durante o século XIX (SILVA JUNIOR, 2009, apud BRITO, 2014). A autora destaca que neste século XXI a cidade cumpre importante papel centralizador dentro do estado, em especial na região onde se encontra. De acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano de 2013, o índice Gini do município foi de 0,58 em 2010, de acordo com o IPEA, aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos, varia de zero a um, o valor zero representa a situação de igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda. O valor um está no extremo oposto, isto é, uma só pessoa detém toda a riqueza. Com o número apresentado em 2010, Campina Grande demonstra existir grande desigualdade de renda entre seus habitantes. Na cidade existem vários bairros periféricos com carências de

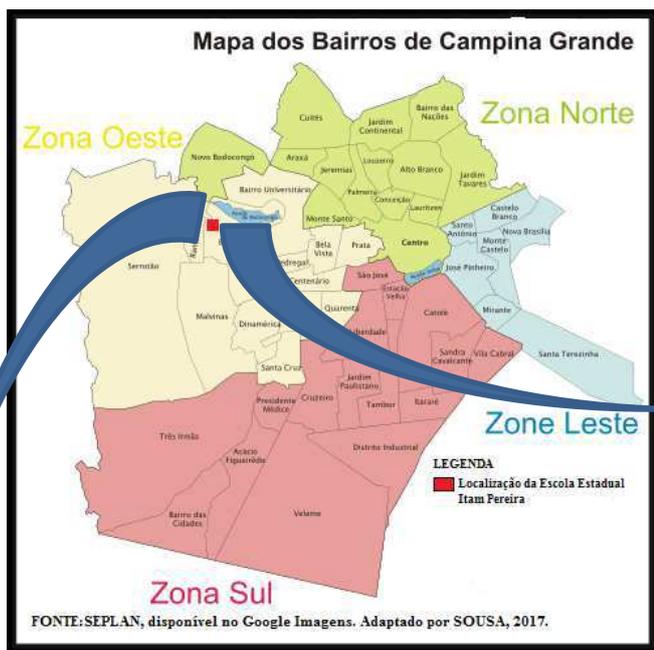
serviços públicos de saúde, segurança e educação, muitos formados na segunda metade do século XX.

No período de 1960, Campina passou por uma ascensão econômica e respectivamente uma expansão urbana impulsionada pelo seu processo de industrialização e a produção do algodão, o que influenciou diretamente no surgimento de vários bairros da cidade, como: Liberdade, José Pinheiro, Prata, Bela Vista, Monte Santo, Catolé, Palmeiras, Quarenta, Santo Antônio, Bodocongó, Cruzeiro, Três Irmãs, etc. (GURJÃO *et al*, 1999 *apud* LEAL, 2012). A migração para a cidade tomou proporções que não eram esperadas, surge nesse contexto, de acordo com Leal (2012), algumas favelas e cortiços que começam a formar a periferia da cidade. A autora destaca que bairros como Ramadinha e Bodocongó, formados nesse período, apresentam atualmente problemas de infraestrutura como a falta de esgotamento sanitário, de pavimentação etc. Um agravante para o bairro da Ramadinha é o fato deste apresentar um histórico dentro da cidade de local violento, associado ao tráfico de drogas ilegais (BRITO, 2014).

A escola está inserida em uma realidade onde as desigualdades sociais da sociedade capitalista na qual vivemos expressam-se de maneira forte e evidente, uma população que se encontra marginalizada dentro de sua própria cidade.

O estabelecimento Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Itan Pereira, situa-se na Rua Luiz Motta S/N, no bairro Bodocongó II - Campina Grande, na divisa com a Ramadinha (Figura A). Foi construída no ano de 2000, período no qual foram instaladas em Campina Grande oito escolas com o mesmo porte, conhecidas como escola padrão. A área edificada da escola é distribuída em quatro blocos com as seguintes divisões: bloco 01 - banheiros masculinos e femininos, sala de professores, pátio e cantina; bloco 02 - secretaria, direção, laboratório de informática com 10 computadores com acesso à internet, sala de Assistência a Estudantes Especiais, biblioteca e duas salas de aula; bloco 03 - cinco salas de aula; bloco 04 - cinco salas de aula. Conforme mostram as figuras a seguir:

FIGURA 01: LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFESSOR ITAN PEREIRA.



Fonte: SOUSA, 2017



Fonte: SOUSA, 2017



Fonte: SOUSA, 2017

A escola atende alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio regular, alunos do Ensino Fundamental e Médio da Educação de Jovens e Adultos e também alunos com deficiências diversificadas. Possui ainda uma quadra de areia e uma quadra descoberta, que necessita de reparos para oferecer condições necessárias à realização de atividades esportivas.

Com relação a sua estrutura física, a escola apresenta um edifício adequado e em boas condições para atender o público ao qual se destina. Nos próximos subtópicos vamos analisar como a escola contribui para que seus educandos da EJA compreendam

melhor a realidade onde estão inseridos a partir do estudo do lugar nas aulas de Geografia.

3.2 O lugar na aula de Geografia da EJA: observações da pesquisadora

Durante o período de observação das aulas foram realizados registros sobre a dinâmica da sala de aula, identificando aspectos que permitiram reflexões acerca dos alunos da EJA, mais especificamente sobre as aulas de Geografia nessa modalidade de ensino. São ministradas, por semana, três aulas de Geografia para cada turma do Ensino Fundamental II (EJA). As aulas ocorrem no período noturno em um sistema supletivo, o que significa que os estudantes cursam duas séries por ano, no caso em análise, a série investigada foi o 9º ano (três turmas), etapa final do Ensino Fundamental.

O quantitativo de alunos que frequentou as aulas no período analisado foi de sete a treze alunos por turma, o número de alunos matriculados em cada uma delas era de 35 a 40 estudantes. O professor registrou que no início do ano letivo a frequência é maior, porém, após o mês de junho, ocorre uma grande desistência, o que foi constatado pelo quantitativo de alunos registrado em nossas observações. Com isso, verificamos que a EJA possui um quantitativo muito baixo de alunos frequentando a escola. O que nos leva a seguinte reflexão, o número apresentado no início deste capítulo referente à quantidade de alunos matriculados nessa modalidade se refere a um total de alunos que não continua na escola, a quantidade dos que concluem o ano letivo é muito menor. Isso significa que a educação de jovens e adultos necessita de uma atenção especial para a questão da permanência estudantil. Nesse sentido, Pierrô (2010) afirma que, neste início de século, tivemos investimentos do governo que ampliaram significativamente o acesso a EJA e forneceram, por meio do programa Nacional do Livro Didático, materiais para esta modalidade. Porém, fica evidente que as políticas públicas voltadas para a permanência desses alunos na escola não apresentam resultados positivos.

Foi observado durante algumas aulas que estudantes mães levam consigo os filhos para a escola, o que levanta, entre outras questões, a necessidade, por exemplo, das políticas de permanência voltadas para essa modalidade de ensino discutir a possibilidade de atender essas mães por meio de uma creche noturna. Esse fator pode ser inclusive um dos motivos de desistência de várias estudantes, lembrando que, como destacado por Santos (2008), muitos alunos da EJA já são pais e mães de família.

Durante as aulas identificamos que em meio às diversas dificuldades os estudantes se mostraram participativos. Não foram identificados problemas com relação à dispersão/conversa das turmas, o que prejudicaria, em certa medida, à atenção dos mesmos. A participação nas aulas abordavam questões relacionadas, em sua maioria, a casos de violência dentro da comunidade onde a escola se encontra. Esses, outro motivo que pode influenciar diretamente na desistência de grande parte dos alunos. Durante a abordagem dessas questões, foi observado que a temática da violência não era aprofundada pelo professor, que colocava outros temas, distanciando a discussão em sala desta realidade vivida pelos educandos. Portanto, perdendo a oportunidade de abordar de forma objetiva o lugar dos alunos.

Dentro deste contexto cabe destacar a importância de trabalhar o conceito de lugar de maneira crítica nesta modalidade de ensino. O conceito deve ser trabalhado de maneira que possibilite aos alunos compreender melhor o seu espaço para transformá-lo. Em outras aulas analisadas foi identificado que a temática do lugar era abordada, porém, não por meio de uma reflexão mais profunda do conteúdo. Foi discutido com os alunos sobre as influências da cultura global de massa no lugar onde vivem, com destaque para os exemplos musicais.

Dentro do livro da EJA adotado na escola o conceito de lugar não é objetivo didático para todo o Ensino Fundamental. Isso dificulta o desenvolvimento de aulas que abordem o conceito de forma mais contundente. Porém, o professor utiliza apenas o livro como norteador do seu currículo da EJA. Cabe destacar que o educador deve ter autonomia na construção do seu currículo, podendo adequá-lo às necessidades dos seus educandos. É necessário que o professor, enquanto agente político (CAVALCANTI, 2012), aborde o conceito de lugar no ensino do EJA, mesmo que este não seja conteúdo central do currículo de Geografia nessa modalidade e que este trabalho seja realizado compreendendo a importância dos estudos do lugar na formação cidadã dos educandos.

Nos quadros a seguir (Quadros 01 e 02) são apresentados os conteúdos indicados pelo PPP da escola para o Ensino Fundamental II da EJA. Podemos observar que o conceito de lugar aparece como conteúdo obrigatório apenas no 6º ano, assim como os demais conceitos-chaves da Geografia.

QUADRO 01: CURRÍCULO DE GEOGRAFIA DA ESCOLA ITAN PEREIRA PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL II NA EJA

GEOGRAFIA 6º ANO	GEOGRAFIA 7º ANO
- O espaço geográfico x o espaço natural	- Os movimentos da terra.
- Categorias geográficas: paisagem, região, território e lugar;	- A produção de bens e matérias-primas
- O trabalho e suas funções	- A inter-relação entre espaço da produção, da circulação e do consumo.
- Brasil: regiões geográficas	- Os recursos da Litosfera e sua importância para a sociedade.
- Cartografia: leitura de mapas	- Os recursos energéticos fósseis.
- Coordenadas geográficas	- Poluição atmosférica e clima
- Projeções cartográficas	- Atividades Industriais no Brasil
- Relação sociedade/natureza	- Os espaços da circulação e do consumo
- Problemas ambientais	

FONTE: Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Itan Pereira, 2016. Adaptado e organizado pela autora.

QUADRO 02: CURRÍCULO DE GEOGRAFIA DA ESCOLA ITAN PEREIRA PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL II NA EJA

GEOGRAFIA 8º ANO	GEOGRAFIA 9º ANO
A divisão internacional do trabalho: países ricos x pobres;	Trabalho e consumo
- A origem do subdesenvolvimento;	- Globalização;
- A pobreza no mundo;	- Desigualdade social e econômica no espaço mundial;
- O continente africano; (história, sociedade, economia)	- Potências econômicas mundiais: G20
- O continente asiático; (história, sociedade, economia)	- Estados Unidos, Japão e Europa: aspectos socioeconômicos.
- A América Latina	- Pluralidade cultural
- Brasil no contexto econômico mundial	- Capitalismo x socialismo
	- Quadro geopolítico mundial: países do Norte x Sul;
- Pluralidade cultural;	- A revolução técnico científico

FONTE: Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Itan Pereira, 2016. Adaptado e organizado pela autora.

Os conteúdos abordados durante o período avaliado foram relacionados aos seguintes temas: Relações de trabalho e Processos da globalização. Tais temas foram trabalhados por meio de aulas expositivas dialógicas com auxílio do livro didático e do quadro, e foram apresentados exemplos que remetiam a realidade dos alunos. O tempo de duração de cada aula foi de 40 minutos, sendo as últimas aulas com período menor de duração (35 minutos). O livro adotado na escola traz esses conteúdos como temas centrais para essa etapa do Ensino Fundamental. O professor utiliza como base para suas aulas o material disponível no livro, restringindo as possibilidades de trabalhos com os mais variados temas da Geografia, entre eles o de lugar.

De acordo com Richter (2011), nas etapas finais do Ensino Fundamental e do Médio os alunos são condicionados a fazerem leituras de espaços mundiais, enquanto que sobre sua própria realidade ainda não são capazes de realizar uma reflexão crítica e questionadora. Uma alternativa para solucionar tal problema está na abordagem do lugar conectada com o global. Como Santos (2006) afirma, no lugar se dá a existência do mundo, porém os lugares são diferentes entre si pelas suas particularidades e formas de interagir com o global. Portanto, a utilização do lugar no ensino da EJA não exclui o trabalho com os temas mais globais, ele mostra a conexão desses temas com a realidade dos educandos.

O perfil de alunos da EJA da escola é de trabalhadores, maiores de 18 anos de idade, pais e mães. Educandos que trazem consigo diversas experiências sobre seu bairro, rua, lugar de trabalho etc., estas experiências estão carregadas de importantes informações sobre o contexto social no qual estão inseridos. O conceito de lugar, como destacado neste trabalho nos capítulos anteriores, permite a escola e ao professor realizar um trabalho amplo com estas vivências, de maneira que pode promover aos sujeitos uma compreensão mais objetiva e real da sua complexa realidade. Compreendendo melhor sua realidade, é possível aos cidadãos interferir de maneira mais incisiva na transformação da mesma.

Foi identificado que a escola, por meio do que propõe o currículo, não aborda o conceito de lugar de forma crítica e secundariza a sua utilização indicando o mesmo como obrigatório apenas para o 6º ano da EJA. A seguir analisaremos o ponto de vista do professor de Geografia do Ensino Fundamental desta modalidade na escola em questão, para revelar se, apesar da ausência dessa categoria na estruturação dos

conteúdos, parte, no trabalho com as temáticas sugeridas para o nono ano, das experiências sincréticas em relação aos seus lugares.

3.3 A perspectiva do professor sobre o ensino de Geografia na EJA a partir do lugar

Por meio da entrevista (APÊNDICE C) realizada com o professor de Geografia da EJA Itan Pereira, foi possível identificar a visão do educador sobre o ensino de Geografia nesta modalidade de ensino. A seguir, no quadro 03, as informações gerais sobre sua formação. Observamos que o professor já possui experiência com o ensino de Geografia, é um profissional efetivo e possui formação superior na área.

QUADRO 03: DADOS GERAIS SOBRE O PROFESSOR	
Formação profissional	Superior completo, licenciatura em Geografia.
Tempo de trabalho na escola Itan Pereira	05 anos
Tempo de trabalho como professor de Geografia	08 anos
Vínculo de trabalho com a escola	Funcionário efetivo.
Tempo de trabalho com a EJA	04 anos

FONTE: Dados coletados na pesquisa de campo.

Analisando as ideias centrais do discurso do professor foi possível identificar que, para ele, uma das principais dificuldades no trabalho com a EJA é o aprendizado dos alunos. Segundo o educador, os mesmos trazem dificuldades de leitura, escrita, compreensão e interpretação de textos do Ensino Fundamental I. O docente afirmou que as turmas apresentam um grande número de desistência, são alunos que sentem muita dificuldade de acompanhar o programa da escola, por isso, ficam desestimulados e desistem de continuar sua formação. Para o professor é necessário que sejam realizados investimentos em infraestrutura e formação específicos para o trabalho com esse público, que apresenta necessidades educacionais muito diferentes dos alunos do ensino regular. De acordo com ele, não existe ainda uma formação específica para os professores que trabalham com a Educação de Jovens e Adultos. Essa formação seria indispensável, desde que identificasse as diversas especificidades desta modalidade de ensino para então capacitar os professores para o trabalho com este público.

Com relação ao ensino de Geografia, o professor destacou que utiliza, em suas aulas, a realidade vivida pelos educandos para compreensão dos conteúdos, com ênfase para a aproximação com o mundo do trabalho. Ele afirma que os alunos interagem de

forma positiva quando as aulas apresentam conteúdos relacionados com a sua realidade. Para o professor o conceito de lugar mais adequado para trabalhar com alunos seria o da abordagem humanística, pois este permite que os alunos identifiquem o assunto por meio do sentimento de identidade, de pertencimento a um local. No quadro 04 são apresentadas as ideias centrais do discurso do professor:

QUADRO 04: ENTREVISTA REALIZADA COM O PROFESSOR

PERGUNTAS DO ROTEIRO DA ENTREVISTA	DISCURSO DO PROFESSOR
Ocorre por parte da escola ou da secretaria de educação alguma capacitação profissional para o magistério da educação de jovens e adultos?	<i>Não, em nenhum momento.</i>
Quais são, em sua opinião, as particularidades do trabalho com os alunos do EJA?	<i>A dificuldade em trabalhar com o EJA além do tempo curto, as aulas são muito curta, o próprio aluno. As dificuldades que eles enfrentam pra chegar até a escola, a evasão escolar, começamos com turma de 40 alunos termina com 10, às vezes, até menos. O aluno que trabalha tem um perfil diferente, ele produz pouco, muitas vezes chega aqui com muita dificuldade de aprendizado e a gente tenta fazer um trabalho mais fácil com esse aluno pra facilitar pra o aprendizado dele. Mas mesmo assim ele é muito desestimulado, ele se sente muito desestimulado. O EJA apresenta esse perfil de alunos desinteressados que começa o ano letivo e desiste em sua maior parte.</i>
As experiências geográficas cotidianas dos alunos são trabalhadas em sala de aula? Os problemas dos lugares dos alunos? De que forma?	<i>Sim são trabalhados, inclusive até o nosso próprio livro didático ele foge um pouco do currículo para trabalhar a realidade do aluno. A gente trabalha de maneira bem mais fácil o conteúdo. Porque existe, por exemplo, o conteúdo como o mundo do trabalho, as leis do trabalho e isso acaba atraindo o aluno porque são conteúdos que mexem com a realidade deles. Não é necessário apenas o aprendizado de conceitos científicos em si, mas os conteúdos que tragam de alguma maneira benefícios pra sua realidade enquanto aluno trabalhador.</i>
Os conceitos prévios dos alunos são o ponto de partida para a compreensão do lugar onde os mesmos vivem?	<i>Sim, temos que fazer isso. Até mesmo porque eles têm dificuldades de aprendizado.</i>
Em sua opinião como os alunos interagem com os estudos que abordam a realidade vivida por esses estudantes?	<i>Quando o professor tenta aproximar o conceitual com a realidade eles interagem muito bem, exemplificam com o que acontece em seu bairro, dizendo “ há acontece uma situação como essa na minha rua, no meu bairro”.</i>
Quais as dificuldades encontradas para desenvolver	<i>Níveis de aprendizado diferentes, aspectos cognitivos diferentes. Muitos alunos com</i>

esses estudos com o lugar?	<i>dificuldades de escrita e leitura, dificuldades de interpretação.</i>
O que poderia ser realizado para ajudar a mudar esta realidade? Ajudando o professor a desenvolver com os alunos o estudo do espaço de vivência dos mesmos.	<i>Mais investimentos voltados pra o público específico da EJA. Utilizamos uma estrutura do ensino regular que já é precária para o ensino regular e aplicamos na EJA.</i>
Qual dos conceitos de lugar seria o mais adequado para construir a autonomia política dos alunos, para trabalhar a realidade dos mesmos e para que eles se tornem sujeitos críticos em relação ao seu lugar?	<i>Partindo do conceito de lugar em uma visão mais humana, saindo da visão tradicional, mais voltada para a questão do apego do pertencimento. Onde o lugar está ligado mais a questão do apego, do sentimento, do pertencimento. Com isso eles compreendem de maneira muito mais fácil.</i>

FONTE: Informações obtidas na pesquisa de campo, organizadas pela autora.

No discurso do professor é reforçada a ideia de que a EJA necessita de uma estrutura específica para atender de forma adequada o seu público alvo. Ressaltando que ela deve ser voltada para atender as necessidades dos alunos, procurando diminuir a evasão escolar nessa modalidade. A visão do educador limita em certa medida as dificuldades desse ensino as questões de aprendizagem, afirmando que os alunos da EJA “não produzem muito”. Um alunado que durante o dia trabalha e cuida da família não tem muito tempo disponível para se dedicar as atividades escolares. Com isso o educador destaca que é necessário realizar um trabalho que aproxime o conteúdo à realidade dos alunos, o que ajudaria na compreensão dos assuntos e que, para realizar esse objetivo, o tema do trabalho aparece como norteador do ensino de Geografia na EJA. Porém, com esse discurso, o professor nos mostra que abordar o conceito de lugar na EJA é indispensável. Pois é por meio deste conceito que a realidade vivida do aluno pode ser analisada de várias maneiras, inclusive não só em Geografia. Defendemos que no ensino dessa disciplina o lugar precisa estar presente no currículo com mais ênfase, por exemplo, que o tema trabalho. Esse estudo do lugar deve ter como referência a abordagem da Geografia Crítica, visto que a abordagem Humanística, indicada pelo professor e presente nos discursos do PCN, não permite uma compreensão objetiva da realidade do aluno. Com a Geografia Humanística é valorizado o saber individual e subjetivo do sujeito com o seu lugar, construído a partir de suas experiências, o que pode ser utilizado como ponto de partida para introduzir o conteúdo. Mas é através da perspectiva da Geografia Crítica que o conhecimento individual e coletivo do ser humano, permite a compreensão do lugar dentro da dinâmica global, complexa e desigual. Possibilitando ao sujeito compreender seu lugar de maneira ampla.

Não se trata da exclusão do tema trabalho, visto que o próprio está incluso inclusive dentro da abordagem do lugar, mas de reconhecer que, para esta ciência, é por meio do lugar que o aluno da EJA pode compreender sua realidade tanto nos aspectos subjetivos de identidade quanto as contradições e os problemas existentes no mesmo.

O lugar não é conteúdo específico do 9º ano da EJA na escola observada, porém o professor afirma no seu discurso que é necessário estudar a realidade desses educandos como forma de facilitar o aprendizado para eles. Porém, observamos nas aulas que a realidade utilizada em sala de aula diz respeito, por exemplo, a cultura de massa globalizada. Durante o período de aulas observadas, os problemas do lugar dos alunos não foram abordados como temáticas que poderiam ter sido trabalhadas de forma mais profunda e objetiva. E os estudantes? O que eles dizem? Por meio do discurso dos alunos identificamos como o lugar vem sendo abordado nas aulas de Geografia durante toda esta etapa final da EJA no Ensino Fundamental da Escola Itan Pereira.

3.4 O lugar na perspectiva dos alunos da EJA

Foram aplicados 28 questionários com os alunos que estavam frequentando regularmente as aulas de Geografia, nas três turmas de 9º ano observadas durante os meses de setembro a outubro de 2017. O questionário (APÊNDICE A) continha dez perguntas abertas, foi aplicado durante o período da noite na escola Itan Pereira. Cada questionário foi acompanhado de duas cópias do termo de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE B), que foi devidamente explicado para os alunos, todos maiores de 18 anos. Uma das cópias do termo foi recolhida e a outra entregue para os estudantes que participaram da pesquisa.

No quadro 05 segue o Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) elaborado a partir da análise das ideias centrais presente nas respostas dos alunos. Foram elaborados discursos do sujeito coletivo para cada uma das dez perguntas, agrupando as respostas dos alunos através das ideias centrais semelhantes.

QUADRO 05: DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO DOS ALUNOS DA EJA DO 9 ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

01. PARA VOCÊ, O QUE A GEOGRAFIA ESTUDA? E PARA QUE SERVE ESTUDAR GEOGRAFIA?

Ideias centrais

DSC

Para entender aspectos gerais do país onde vivemos.
Estuda a globalização.
O trabalho

Ajuda a entender melhor o país onde vivemos a inflação, a pobreza, o desemprego, a política, nos deixa por dentro de tudo que acontece no mundo. Estudamos a globalização e suas fases, os meios de comunicação, as indústrias, nossa sociedade e sua cultura, o meio ambiente e os direitos trabalhistas.

02. O QUE VOCÊ JÁ APRENDEU EM GEOGRAFIA QUE CONSIDERA IMPORTANTE PARA SUA VIDA?

Ideias centrais

DSC

O conceito de trabalho.
Problemas ambientais.
Trabalho escravo contemporâneo. Política.
Globalização.
Clima do Brasil.

Sobre o que é trabalho, as tecnologias que existem hoje no mundo da globalização. Onde muitos trabalhadores tem situação de subempregos e estão sujeitos a vagas com má remuneração que oferecem péssimas condições. Aprendemos sobre os direitos de trabalho, e sobre a questão do desemprego no Brasil, entendendo a importância da economia.

Sobre o que é mapa, importância de preservar o meio ambiente. Sobre o clima do nosso país, e onde o Brasil está localizado na placa tectônica.

03. VOCÊ JÁ ESTUDOU O LUGAR ONDE MORA (SUA CIDADE OU BAIRRO) NAS AULAS DE GEOGRAFIA? COMO FOI TRATADO?

Ideias centrais

DSC

Sobre o cotidiano.
Nossa região.
Sobre a origem da cidade.

Sobre o nosso cotidiano, os rios, a poluição que acontece, foi falado sobre nossa região, nossa cidade, que tem um grande numero de pessoa habitando. Campina é uma grande área urbana. Estudamos como ela foi fundada e como cresceu e a influencia sobre onde vivemos. Vimos sobre a classe social baixa e sua importância para a cidade.

Não estudei.

Não estudei onde moro.

04. APÓS ESTUDAR O LUGAR ONDE MORA A COMPREENSÃO SUA SOBRE O MESMO MELHOROU? O ESTUDO LHE AJUDOU A REFLETIR SOBRE OS PROBLEMAS QUE ELE APRESENTA?

Ideias centrais

DSC

Melhorou mas os problemas continuam.
Mudou meu ponto de vista.
Entendi melhor o que ocorre no nosso país.

Sim, melhorou me orientou a ver os problemas com mais clareza reivindicar, mas os problemas continuam. Porque no bairro onde eu moro as pessoas jogam os seus lixos nos terrenos abandonados, é um lugar muito bonito, mas tem muito esgoto no meio da rua. Entendi mais sobre

	<i>tudo que ocorre no nosso país, mudou o meu ponto de vista. Pois não sabemos o motivo pelo qual alguns lugares da nossa cidade são diferentes, os problemas são muitos, mas deu pra compreender tudo.</i>
Não estudei.	<i>Não eu não estudei.</i>

05. VOCÊ GOSTA DO LUGAR ONDE MORA? APONTE PELO MENOS UM ASPECTO POSITIVO E OUTRO NEGATIVO DO LUGAR ONDE VIVE.

	Ideias centrais	DSC
Sim		<i>Sim, eu gosto do lugar onde moro, porque tem escola perto pra estudar, tem coleta de lixo, o custo de vida é melhor, gosto da cultura da minha cidade, tem o maior São João, acesso rápido aos transportes. Porque tem de tudo um pouco. Os aspectos negativos é a falta de segurança, a noite é um pouco perigoso. Não tem rede de esgoto, falta de desenvolvimento e muito desemprego. É muito perigoso, falta asfaltar, tem muita violência, e crise de água.</i>
Não		<i>Falar a verdade não, não gosto, não tem rede de esgoto não é um lugar agradável de morar. Tem muita violência, alto índice de criminalidade. Tem muita desigualdade social. Lá perto da minha casa tem um terreno abandonado, e as pessoas jogam lixo nele.</i>

06. DE QUE FORMA AS AULAS DE GEOGRAFIA LHE AJUDARAM A COMPREENDER OS ASPECTOS DESTACADOS NA QUESTÃO ANTERIOR?

	Ideias centrais	DSC
Ajudou a compreender nosso lugar		<i>Ajudam a entender sobre o que se passa no Brasil, nos lugares onde moramos. Que Campina Grande é um lugar bom de viver. A situação atual em que vivemos como a crise da água, como rios poluídos. Entender os problemas sobre nosso lugar.</i>
Nas questões políticas do país		<i>As aulas ajudam a entender que os governos não ligam para nosso país. Fazemos debates em sala de aula pra tirar dúvidas que explicam sobre o desemprego e muitos problemas do Brasil. Que faltam mais investimentos e desenvolvimento dos órgãos públicos. Vemos a política sobre muitas causas.</i>
Aspectos gerais		<i>A descobrir coisas novas que não conhecia, abre o nosso olhar e temos uma noção da vida no planeta Terra. Ajudaram a formar outro ponto de vista sobre nossas opiniões.</i>
Não sei		<i>Não sei.</i>

07. O QUE VOCÊ MUDARIA NO LUGAR ONDE MORA E COMO ESSA TRANSFORMAÇÃO PODERIA SER REALIZADA?

Ideias centrais	DSC
Infraestrutura do bairro	<i>Faria as pessoas terem mais cuidado com o lixo, para diminuir as poluições dos esgotos nas ruas. Mudaria a rede de esgoto, a falta de infraestrutura e o desemprego, poderia ter mais desempenho pelos poderes públicos. Mandaria calçar as ruas, porque tem muitas sem calçar e transformaria os postos de saúde. Que fosse bem estruturada, porque onde moro falta urbanizar.</i>
Não mudaria nada	<i>Eu não mudaria nada.</i>
Problemas sociais.	<i>Quase tudo, mudaria a desigualdade social de algumas pessoas. Poderia ter mais oportunidades de emprego para todos, mais segurança, ter mais investimentos. Melhoraria a segurança botando mais policiais nas ruas. De uma forma que as pessoas concordassem. Faria mais praças e outros tipos de transporte como o trem.</i>

08. TEM VONTADE DE MORAR EM OUTRO LUGAR? POR QUÊ?

Ideias centrais	DSC
Sim, pois aqui não tem emprego.	<i>Sim, onde tivesse menos pobreza, porque aqui não tem emprego suficiente. Quero um lugar que me dê mais oportunidades de emprego, e mais segurança.</i>
Não, pois gosto deste lugar.	<i>Não tenho vontade de morar em outro lugar, porque adoro o lugar onde moro.</i>
Sim para conhecer outro lugar	<i>Sim, para conhecer lugares novos, outras regiões, novas pessoas, novos amigos. Tenho vontade de visitar o Rio de Janeiro, e por aqui não tem praia.</i>

09. O QUE VOCÊ MAIS GOSTA NAS AULAS DE GEOGRAFIA?

Ideias centrais	DSC
Estudar conteúdos do Brasil e do mundo.	<i>De ouvir sobre o desenvolvimento do Brasil e do mundo, as desigualdades sociais, o desemprego, a globalização, a política, e a situação do Brasil. Sobre os nossos direitos. Quando estudamos o meio ambiente e da indústria, a tecnologia. Quando nos aprendemos sobre outros países, sobre os climas.</i>
Do professor e das aulas.	<i>Tudo, o professor ensina bem, é legal. Gostos das conversas das aulas e as histórias. Tudo, gosto demais. Porque é fácil de aprender e acho interessante. Me deixa mais alerta pras coisas que estão acontecendo ao nosso redor.</i>

10. O QUE VOCÊ ACHA QUE PODERIA SER REALIZADO PARA MELHORAR AS AULAS DE GEOGRAFIA?	
Ideias centrais	DSC
Usar novos recursos didáticos.	<i>Poderia usar o Datashow, usar digitalização, passar vídeos, imagens. Vídeos sobre os países subdesenvolvidos. Aulas com mais dinâmicas, vídeos, e documentários sobre Geografia.</i>
Nada, estão ótimas.	<i>Nada, acho bom do jeito que está, são ótimas todas as aulas como estão.</i>

FONTE: Banco de dados da pesquisa, elaborado e organizado pela autora.

Analisando o discurso dos alunos nas perguntas 01 e 02 (QUADRO 05), identificamos que, para eles, a disciplina de Geografia ajuda na compreensão de vários aspectos do país, entre eles questões sociais como o desemprego e a pobreza. O destaque na visão deles é para os assuntos relacionados ao trabalho e à globalização. Para esses estudantes, a importância da Geografia em suas vidas está no fato de oferecer uma melhor compreensão dos assuntos referentes ao trabalho, e aos aspectos físicos do Brasil, como clima e tectônica de placas.

Assim como apresentado por Santos (2008), o trabalho continua sendo um tema central no ensino de Geografia da EJA. O que justifica sua utilização é a proximidade do tema com a realidade desse público, em sua maioria de jovens e adultos trabalhadores. Porém, entendemos que o conceito de lugar oferece uma compreensão mais ampla da realidade destes alunos, contemplando tanto o trabalho como diversas outras questões da realidade social desses sujeitos.

Quando indagados se já haviam estudado o seu lugar nas aulas de Geografia, os alunos expuseram dois discursos (pergunta 03 e 04 do questionário, QUADRO 05): um grupo de alunos identificou que já estudou em Geografia o lugar onde vivem, enquanto um segundo grupo afirmou não ter visto nada sobre seu lugar. Para os alunos do primeiro discurso, o tema central foi a cidade de Campina Grande, sua origem e formação. Na questão quatro, afirmam que as aulas realizadas sobre a cidade de Campina ampliaram sua visão, permitindo enxergar com mais clareza os problemas da mesma. Contudo, os alunos afirmam que os problemas do lugar onde vivem continuam e não são fáceis de serem modificados, como a falta de saneamento básico em grande parte das ruas.

A abordagem realizada com estes alunos sobre o lugar tomou como ponto de referência a cidade onde vivem. Foi discutido sobre a origem e formação da cidade. A escala de análise da cidade pode ser utilizada para trabalhar o lugar do aluno, esse conceito pode ser estendido para variadas escalas de observação. Porém, no discurso dos estudantes não identificamos referência a aspectos mais concretos deste lugar.

Os estudantes informaram na questão cinco os aspectos positivos e negativos do lugar onde vivem, destacando como positivos aspectos culturais da cidade, proximidade da escola, a coleta de lixo no bairro. Nos pontos negativos os destaques foram para questão da violência urbana e para falta de saneamento básico. Foram apresentados dois discursos, um grupo afirma gostar do lugar onde mora, enquanto outro afirma que não gosta do lugar onde vive, ressaltando apenas os pontos negativos do mesmo. Indagados na questão 06 (QUADRO 05) sobre como as aulas de Geografia ajudam na compreensão dos problemas informados na pergunta número cinco, os educandos responderam que, por meio das aulas, é possível ficar bem informado sobre o que acontece em termos gerais e sobre alguns aspectos de sua realidade. Ressaltaram que, através das aulas, formam uma nova visão sobre os problemas estudados. Como possíveis soluções para os problemas do seu lugar, os estudantes afirmaram na questão 07 que, se fosse possível, mudariam as demandas relacionadas à falta de estrutura urbana do bairro, como pavimentação e saneamento básico, os problemas relacionados à violência urbana e o acesso ao lazer.

No discurso dos educandos existe um destaque para o problema da violência urbana do bairro, essa temática, assim como outras apresentadas pelos alunos, podem ser estudadas por várias disciplinas, entre elas a Geografia. A construção do lugar onde vivem os estudantes está relacionada com a formação da cidade de Campina Grande, como foi apontado por Leal (2012), bairros formados por população emigrante que veio para essa cidade em busca das vantagens econômicas da época. Como a cidade não estava pronta para receber estas pessoas ocorre a formação dos bairros na periferia, nos quais o acesso aos serviços públicos fica mais restrita. Marginalizados desde sua origem, esses populares precisam de recursos que lhe ajudem a repensar a produção do seu espaço, ampliando suas leituras sobre os fenômenos que interferem no processo de transformação do seu cotidiano. A Geografia, através da abordagem do lugar, de forma crítica, pode contribuir muito para a formação da consciência transformadora dessa realidade.

Na pergunta nove os alunos informaram o que mais gostavam nas aulas de Geografia. Como respostas, obtivemos dois discursos: um relacionado aos conteúdos discutidos em sala e outro que destaca a relação das turmas com o professor como sendo o aspecto mais positivo. Na opinião dos estudantes o que poderia ser realizado para melhorar as aulas está diretamente relacionado com a utilização de recursos didáticos digitais, como Datashow e vídeos. Um segundo discurso afirma que não são necessárias mudanças, que as aulas estão adequadas da forma como ocorrem no momento. Para os sujeitos as aulas precisam de um atrativo tecnológico, marca da sociedade atual, na qual a educação tem passado por diversas transformações para incluir estas tecnologias na didática das salas de aula.

No DSC dos estudantes da EJA identificamos que os conhecimentos sobre o lugar onde vivem é fruto da experiência desses sujeitos com sua realidade. Este saber não foi estruturado e organizado pela disciplina de Geografia a partir dos aportes conceituais e metodológicos da ciência, o que permitiria a compreensão da dinâmica local-global da realidade na qual estão inseridos. Esta modalidade de ensino tem por objetivo central aproximar os conteúdos da realidade dos educandos, o que não está sendo realizado na escola em questão com relação ao ensino do lugar em Geografia.

Para além dessas questões colocadas pelos estudantes, “a formação escolar dos indivíduos precisa estar embasada na transmissão de saberes que contribua para a construção de uma reflexão crítica e principalmente transformadora” (RICHTER, 2011, p. 98). Como afirma o autor, o lugar é a categoria que contribui significativamente para a formação nos alunos de uma capacidade cognitiva de leitura espacial da realidade, que permita sua emancipação enquanto sujeito social pensante, crítico, consciente do seu papel de agente transformador da sociedade. Corroborando com autor supracitado (2011), o lugar é um exemplo didático e compatível com as mais diferentes realidades existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conceito de lugar é trabalhado no ensino-aprendizagem de Geografia do Ensino Fundamental da EJA com destaque para a etapa inicial deste nível de ensino. Verificamos que na escola objeto deste estudo, o lugar é conteúdo obrigatório apenas do 6º ano, o que restringe, dentro do currículo, o trabalho com o conceito durante toda a etapa do Ensino Fundamental. O sujeito que tem oportunidade de acesso a uma educação de qualidade, que promova sua formação intelectual e desenvolva sua capacidade de leitura espacial da realidade, terá um campo maior de oportunidades para transformar sua realidade, poderá agir de fato como cidadão quando as questões do seu lugar são sistematicamente estudadas. Isso possibilita a construção de sujeitos que, conscientes do seu papel social, podem promover significativas transformações no seu lugar.

O ensino-aprendizagem de Geografia na EJA da escola Itan Pereira pouco trabalha o estudo do lugar. Quando trabalha, a abordagem não permite uma compressão e leitura do mundo atual pelos alunos. No discurso coletivo dos educandos podemos verificar que os mesmos possuem vasto conhecimento sobre o seu lugar, este saber, porém, não é utilizado de forma sistemática. O saber dos educandos é fruto de sua experiência cotidiana com o lugar onde vivem. Portanto, trata-se de uma leitura sincrética e pouco científica do lugar.

O professor da escola em questão defende a utilização da realidade do aluno em sala de aula, contudo, não realiza uma abordagem efetiva em sua prática pedagógica, incluindo o lugar dos alunos nas aulas de Geografia do 9º ano da EJA. Para o educador as principais dificuldades em trabalhar o tema do lugar com os alunos estão relacionadas a problemas de aprendizagens dos estudantes. Em sua visão, para ajudar nessas dificuldades é necessário utilizar a realidade do aluno em sala de aula. Porém esta utilização do espaço vivido dos estudantes não é realizada como estamos propondo ao longo deste trabalho. Assim, ela não toma o lugar como base para realizar uma leitura espacial do mundo a partir da lugaridade dos alunos.

A percepção dos discentes desta escola sobre a realidade local onde estão inseridos é carregada de significados subjetivos e concretos sobre sua realidade. No DSC dos alunos fica evidente o conhecimento destes sobre os problemas sociais do seu bairro, onde a escola se encontra. Vimos que os problemas de infraestrutura do bairro e

a questão da violência são os mais presentes no discurso desses sujeitos. Problemáticas que podem ser utilizadas pela escola e pelo professor de Geografia para trabalhar em sala de aula diversos conteúdos da disciplina. O sentimento de identidade dos discentes com relação ao lugar em que vivem, mostra que a maioria se identifica com o seu lugar e, tem um sentimento positivo em relação ao mesmo, reconhecendo as adversidades aí existente. Cabe destacar que nem a leitura subjetiva e a objetiva que os alunos tem sobre o lugar é abordada de forma sistemática nas aulas de Geografia.

Com relação ao ensino do lugar na disciplina de Geografia da EJA ficou mais clara a importância de sua utilização, pois permite uma abordagem didática de vários conteúdos ensinados em Geografia e contribui significativamente para compreensão da realidade local do sujeito. Enfim, o ensino de Geografia a partir do lugar pode contribuir para formação cidadã dos alunos. Assim sendo, ele é indispensável em qualquer nível e modalidade de ensino. Na Educação de Jovens e Adultos pode contribuir, além dos pontos levantados ao longo desse trabalho, como atrativo para o aluno nas aulas de Geografia.

Ao término da pesquisa, contatamos que novas indagações foram levantadas. Entre elas está o problema da evasão escolar na EJA. Quais os motivos mais frequentes para tanta evasão? Como a escola pode contribuir para minimizar esse quadro? Entendemos que muito além da escola essa questão envolve a ação de políticas governamentais.

REFERÊNCIAS

BRASIL, 2017. **Censo escolar da educação básica 2016 notas estatísticas**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília: INEP, 2017. Disponível in: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Geografia** / Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL. **Dados do censo 2010 realizado pelo IBGE**. Brasília: DF: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2009. Disponível em: www.censo2010.ibge.gov.br. Acesso em 06 de setembro de 2014.

BRITO, Laís Rodrigues de. **A relação centro e centralidade na estruturação urbana de Campina Grande PB**/ Laís Rodrigues de Brito. Campina Grande. 2014. 75p.

CLAVAL, Paul. **Terra dos Homens: a geografia** / Paul Claval; tradução Domitila Madureira. – São Paulo: Contexto, 2010.

CALVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de Geografia na escola**/ Lana de Souza Cvalcanti – Campinas, SP: Papyrus, 2012 (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

CALVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**/ Lana de Souza Cvalcanti – Campinas, SP: Papyrus, 2008. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. 1. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

CASSAB, Clarice. Reflexões sobre o Ensino de Geografia. In. **Geografia: Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 13 n. 1, p. 43 50, 2009.

FERNANDES, Mariane de Oliveira. **Os conceitos de território e lugar na contemporaneidade: a produção nas teses de pós-graduação em Geografia de 2001-2011**. Mariane de Oliveira Fernandes, 2013, 150p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 49 Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

KAERCHER, Nestor André. **O gato comeu a Geografia Crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia**. In. Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa de Nídia Nacib Pontuschka, Ariovaldo Umbelino de Oliveira. 3. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.

LEFÈVRE, Fernando. **Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)** / Fernando Lefèvre, Ana Maria Cavalcanti Lefèvre. – Ed. rev. e ampl. – Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003.

LEAL, Cibele Jovem. As religiões afro-ameríndias nas espacialidades da cidade: delineações defronteiras em Campina Grande. Dissertação, p. 152. PPGH – UFCG. 2012.

LEITE, Adriana Filgueira. **O lugar: duas acepções geográficas**. Anuário do Instituto de Geociências- UFRJ, volume 21/1998.

PIERRO, Maria Clara di. **A educação de jovens e adultos no plano Nacional de educação: avaliação, desafios e Perspectivas**. Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 112, p. 939-959, jul.-set. 2010. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **A Geografia: pesquisa e ensino**. In. Novos caminhos da Geografia de Ana Fani Alessandri Carlos 5. Ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2007.

PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR ITAN PEREIRA DO ANO DE 2016.

RICHTER, Denis. O mapa mental no ensino de Geografia: concepções e propostas para o trabalho docente. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. **Delgado de Carvalho e a Orientação Moderna no Ensino da Geografia Escolar Brasileira**. *Terra Brasilis* [Online], 1 | 2000, posto online no dia 05 Novembro 2012. Disponível in: <http://terrabrasilis.revues.org>.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed.2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1). Disponível em www.reverbe.net/cidades. Acesso em 15 de setembro de 2017.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da Geografia**. Hucitec. São Paulo 1988.

SANTOS, Enio José Serra dos. **Educação geográfica de jovens e adultos trabalhadores: concepções, políticas e propostas curriculares**. Orientador: Osmar Fávero. Niterói-RJ/UFF, 26/09/2008. Tese (Doutorado em Educação), 353 p.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais** / Rafael Straforini – 2. edição. São Paulo: Annablume, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. 1ª edição 2013, 248p.

VESENTINI, Jose William. **Para uma Geografia Crítica na Escola**. Jose William Vesentini. Editora do Autor – São Paulo, 2008.

APÊNDICES

Apêndice A: MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO JUNTO AOS ALUNOS DA EJA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM CAMPINA GRANDE-PB.

Apêndice B: TERMO DE CONSENTIMENTO APLICADO JUNTO AOS ALUNOS DA EJA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL E AO PROFESSOR DE GEOGRAFIA EM CAMPINA GRANDE-PB.

Apêndice C: MODELO DE ENTREVISTA APLICADO JUNTO AOS AO PROFESSOR DE GEOGRAFIA DA EJA NA ESCOLA ITAN PEREIRA EM CAMPINA GRANDE-PB.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO: ESPECIALIZAÇÃO EM ANÁLISE REGIONAL E ENSINO DE GEOGRAFIA
DISCENTE: Valéria da Silva Sousa

**QUESTIONÁRIO DO TCC: O ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA A PARTIR DO LUGAR NA EJA
DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE CAMPINA GRANDE-PB**

Nome: _____ . Sexo: ()feminino ()masculino
Idade: ____ Município onde reside: _____ Zona: () urbana () rural
Empregado () Desempregado () Profissão: _____

01. Para você, o que a Geografia estuda? E para que serve estudar Geografia?

02. O que você já aprendeu em Geografia que considera importante para sua vida?

03. Você já estudou o lugar onde mora (sua cidade ou bairro) nas aulas de Geografia? Como foi tratado?

04. Após estudar o lugar onde mora a compreensão sua sobre o mesmo melhorou? O estudo lhe ajudou a refletir sobre os problemas que ele apresenta?

05. Você gosta do lugar onde mora? Aponte pelo menos um aspecto positivo e outro negativo do lugar onde vive.

06. De que forma as aulas de Geografia lhe ajudaram a compreender os aspectos destacados na questão anterior?

07. O que você mudaria no lugar onde mora e como essa transformação poderia ser realizada?

08. Tem vontade de morar em outro lugar? Por quê?

09. O que você mais gosta nas aulas de Geografia?

10. O que você acha que poderia ser realizado para melhorar as aulas de Geografia?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA**

Esta pesquisa é sobre O Ensino-Aprendizagem de Geografia a partir do lugar na Rede Pública de Campina Grande-PB, e está sendo desenvolvida por *Valéria da Silva Sousa*, aluna do Curso de *Especialização em Análise Regional e Ensino de Geografia* da Universidade Federal de Campina Grande, sob a orientação do Prof. Dr. *Paulo Sérgio Cunha Farias*.

O objetivo do estudo é verificar como o ensino-aprendizagem de Geografia da Rede Pública de Educação de Campina Grande, trabalha o estudo do lugar como base para compressão e leitura do mundo atual. A finalidade deste trabalho é contribuir para análises e estudos sobre a Geografia escolar que permitam identificar as questões referentes a avanços e retrocessos no estudo do lugar dos alunos dentro de sala de aula. Compreendendo que o lugar está entre os conceitos da Geografia que melhor permitem a leitura do mundo atual em toda sua complexidade.

A sua participação na pesquisa é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador (a). Caso não se sinta confortável para participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano ou constrangimento de qualquer natureza.

Solicito sua permissão para que as informações fornecidas no questionário possam ser apresentadas como resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicados em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Os pesquisadores estão/e estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do (a) Pesquisador (a) Responsável

Assinatura da Testemunha

Endereço para contato com a Pesquisadora Responsável: Rua Aprígio Veloso n. 882 Bairro: Universitário. Telefone para contato: (83) 99957-3210.

ROTEIRO BASE PARA ENTREVISTA COM PROFESSORES DE GEOGRAFIA DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFESSOR ITAN PEREIRA.

Dados gerais:

Nome?

Idade?

Qual a sua formação profissional?

Há quanto tempo trabalha como professor (a) de Geografia?

Quanto tempo trabalhando na escola Itam Pereira?

Seu vínculo de trabalho com a escola é temporário ou é concursado?

Ensina em outras escolas além do Itam? Quais?

Informações sobre o ensino-aprendizagem de Geografia:

Quando começou a lecionar para educação de jovens e adultos?

Ocorre por parte da escola ou da secretaria de educação alguma capacitação profissional para o magistério da educação de jovens e adultos?

Quais são, em sua opinião, as particularidades do trabalho com os alunos do EJA?

As experiências geográficas cotidianas dos alunos são trabalhadas em sala de aula? Os problemas dos lugares dos alunos? De que forma?

Os conceitos prévios dos alunos são o ponto de partida para a compreensão do lugar onde os mesmos vivem?

Em sua opinião como os alunos interagem com os estudos que abordam a realidade vivida por esses estudantes?

Quais as dificuldades encontradas para desenvolver esses estudos com o lugar?

O que poderia ser realizado para ajudar a mudar esta realidade? Ajudando o professor a desenvolver com os alunos o estudo do espaço de vivência dos mesmos.

Qual dos conceitos de lugar seria o mais adequado para construir a autonomia política dos alunos, para trabalhar a realidade dos mesmos e para que eles se tornem sujeitos críticos em relação ao seu lugar?